

EDITAL

O autor declara que algumas citações, apesar de devidamente assinaladas, foram livremente traduzidas para português, tendo em conta que o recurso a citações obriga já a uma descontextualização e mudança de escala.

Esta opção aparece numa comunicação que sabe não poder pretender deter nenhuma garantia em si própria e de modo definitivo.

EHL Campus – International Architecture Students Workshop
Circunstâncias

Filipe Diogo Soares Estrela

Docente orientador Arquiteto Nuno Brandão Costa

Docente co-orientador Arquiteto Carlos Prata

Agradecimentos

À EHL e firma de arquitectura Richter&Dal Rocha, e Arq. Nuno Brandão pela oportunidade.

Ao professor Nuno Brandão Costa e Carlos Prata pelo interesse e pela disponibilidade na orientação da dissertação.

Aos familiares por estarem sempre presentes.

Ao Artur, ao Beto, ao Diogo, ao Gonçalo, ao Mendanha e a Sara pela amizade e ajuda nos momentos mais criticos.

Abstract

Abstract

This thesis relates is related to the opportunity of developing project that brings closer the academic and professional world – in a way that tries to emphasize the enthusiasm of working in a realistic atmosphere. Thus it presents itself as a deepening and awareness of the project process in the transformation of reality.

This way, the present work don't represent a study about typologies or paradigms, but a particular approximation to a given case, and a reflection about the importance and hierarchy of all the specific and real circumstances that involve a project, seeking an approach that is compromised with reality.

The confrontation between the enthusiasm about the real character of the project and the convictions of some authors, such as Louis Kahn, Fernando Távora, Álvaro Siza, Eduardo Souto de Moura, made me aware that the project process was built combining my personal vision with the given circumstances. My personal vision was acquired through the last six years in University, and the given circumstances became the study object and theme of this thesis.

I believe that, and quoting Fernando Távora, a project “is conditioned by the way you have to satisfy a given program, build with a specific amount of money, lay in a particular land, fit in a special ambience, use certain materials and satisfy physical and spiritual aspects of the users”.

Therefore, this thesis is structured in a logic progression and influence of the circumstances in the project process. We start by identify and describe the situation, then we interpret them, and, in the end, like Louis Kahn so strongly advocated: we re-write the circumstances.

Thus, methodologically, the present work has as a target to clarify the way of presentation and collection of elements that substantiate the intentions and options that were taken through the whole work process.

This thesis has as a propose to initiate an approximation process to the circumstances in a aware and inclusive way, having as a reference what Álvaro Siza exposes: “In my first works I started by looking to the site, make later classifications... today, I take everything under consideration, given that what what interest me, it's reality”.

EHL Campus – International Architecture Students Workshop
Circunstâncias

Introdução

motivação, tema, circunstâncias pág. 13

1. Circunstâncias

1.1. O lugar pág. 19

1.2. O cliente pág. 29

1.3. O programa pág. 33

2. Interpretação das Circunstâncias

2.1. Interpretação de realidades pág. 41

2.2. Interpretação do lugar pág. 49

2.3. Interpretação do cliente pág. 55

2.4. Interpretação do programa pág. 61

3. Projectar

3.1. Reescrever o programa pág. 73

3.2. Fases pág. 77

3.3. Projeto pág. 93

Fecho pág. 115

Bibliografia pág. 118

Introdução

“(...) projectar, planejar, desenhar, não deverão traduzir-se para o arquitecto na criação de formas vazias de sentido, impostas por caprichos da moda ou por caprichos de qualquer outra natureza. As formas que ele criará deverão resultar, antes, de um equilíbrio sábio entre a visão pessoal e a circunstâncias que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem.”

Fernando Távora, Da organização do espaço

Introdução

motivação, tema, circunstâncias

Esta tese de mestrado surge de uma circunstância académica. No contexto de um workshop internacional para estudantes de arquitetura promovido pela Ecole Hôtelière de Lausanne (EHL), para o qual fui convidado a participar pelo professor e arq. Nuno Brandão Costa, surge a presente prova. Este workshop teve como objetivo a elaboração de uma proposta para o novo campus da EHL, localizado em Laussane, na Suíça.

Motivação

A principal motivação para enfrentar este desafio foi o seu carácter real. Foi-me oferecida a oportunidade de desenvolver um projeto com um cliente, um lugar e um programa reais. Pela primeira vez ao longo de todo o percurso académico tive a possibilidade de me confrontar com as circunstâncias reais de um projeto. Esta prova surge, assim, como exploração destas circunstâncias.

O valor único desta iniciativa está na aproximação do mundo académico ao profissional, dando a possibilidade de ambos trabalharem em parceria na elaboração de um projeto concreto. A componente real deste projeto veio de acordo com as minhas expectativas para conclusão do curso.

Tema

Esta prova final, porque reage a circunstâncias reais, não pode ser transportada para outra realidade. O trabalho aqui apresentado não representa uma tipologia de escolas ou de campus, mas sim o projeto para o novo campus da EHL. O estudo de todas as circunstâncias reais e específicas que envolvem este projeto torna-se indispensável, de forma a que durante todo o processo de desenvolvimento do trabalho exista uma abordagem comprometida com a realidade. Pois, tal como Álvaro Siza refere, “Há opções que todos os projectos contemplan: a adptação ao clima, à topografia, ao contexto (consolidado ou em formação ou transformação, denso ou disperso), a atenção ao controlo de luz. Esses condicionamentos circunstanciais são assumidos como instrumento privilegiado de trabalho”¹ Assim, o tema da tese é o estudo das circunstâncias reais que envolvem este projeto de arquitetura, que lhe confere a sua unicidade.

1 Siza, Álvaro; 01 textos, 2009, Civilização Editora, p.338

Circunstâncias

“É o arquiteto vítima das circunstâncias? Sim.”²

O homem, ser criador por natureza, quando cria algo, não o faz em plena liberdade, pois está “condicionado por uma soma infinita de fatores, de alguns dos quais o homem tem plena consciência e agindo outros inconscientemente sobre ele.”³

Caso existam um objetivo e uma finalidade, o homem, aquando da sua criação, desde logo lida com aspetos limitadores e castradores. “A esse conjunto de fatores naturais e humano (...), daremos o nome de <<circunstâncias>>; sendo assim <<circunstâncias>>, pelo próprio significado da palavra, será aquele conjunto de fatores que envolvem o homem, que estão à sua volta e, porque ele é criador de muito deles”⁴.

A circunstância é algo indispensável à arquitetura. A sua ausência não permite criar balizas nem contextualizar, correndo-se o risco de se criar algo desprovido de sentido. Projetar uma casa para o Japão não deverá ser feito da mesma forma que uma casa para Portugal, pois as suas circunstâncias não são as mesmas. Logo, deverá existir um estudo das circunstâncias reais de cada casa e projetar em conformidade. O que distancia a arquitetura das restantes artes é a necessidade de responder a circunstâncias reais. Pois em arquitetura “devem-se ter necessariamente em consideração as circunstâncias reais para poder pensar não só segundo as regras de uma “gramática universal e abstrata”, mas também ser capazes de nos envolver no contexto e fazer com que o projeto nasça a partir daquelas circunstâncias precisas.”⁵ Um projeto de arquitetura “é condicionado na medida em que terá de satisfazer determinado programa, construir-se com determinada quantia, assentar em determinado terreno, enquadrar-se em determinado ambiente, utilizar determinados materiais e mão-de-obra, satisfazer aspectos físicos e espirituais dos seus utentes”⁶.

Neste sentido, este trabalho é estruturado numa lógica de aproximação ao tema. Começa-se por identificar e descrever as circunstâncias, depois interpretam-se as

2 Allen; Stan; 53 Questions for Stan Allen; 2011 – tradução livre

3 Távora, Fernando; Da organização do espaço; 1962; Porto: Faup Publicações; p.21

4 Távora, Fernando; Da organização do espaço; 1962; Porto: Faup Publicações; p.22

5 Souto de Moura, Eduardo; Conversas com estudantes; 2008; Barcelona: Editorial Gustavo Gili; p.58

6 Távora, Fernando; Da organização do espaço; 1962; Porto: Faup Publicações; p.23

mesmas e, por fim, reescrevem-se e projetam-se. Dividimos assim o trabalho em três fases distintas.

Na primeira fase, descrevem-se as circunstâncias que envolvem o projeto e em que medida são mais ou menos importantes para o desenvolvimento do mesmo. Identificam-se as três circunstâncias essenciais na sua abordagem, nomeadamente o lugar, o cliente e o programa.

Na segunda fase, é feita a interpretação das respetivas circunstâncias. A interpretação do lugar, do cliente, do programa e ainda de realidades. Na interpretação de realidades, é feito um estudo de duas referências que foram elementos chave para o desenvolvimento da proposta. Toda esta fase do trabalho é de carácter mais pessoal e refletivo.

Na terceira fase, começa-se por reescrever o programa de acordo com as interpretações feitas anteriormente, passando para a explicação de todo o processo de desenvolvimento do projeto e, por fim, a apresentação do projeto final, onde se ilustrarão com rigor todos os elementos gráficos que a constituem.

Assim, metodologicamente, o trabalho aponta para a clarificação do modo de apresentação, na recolha de elementos que fundamentem as intenções e opções tomadas ao longo de todo processo de trabalho. Desenhos, maquetas, textos e reflexões pessoais devem permitir caracterizar o processo de modo fidedigno.

O método adotado em ambas as partes – teórica e prática – tem como princípio uma aproximação gradual, partindo sempre de uma análise mais global para o pormenor.

1. Circunstâncias

“A circunstância é tão fundamental para a definição da forma como a água é indispensável para a vida do peixe”

Fernando Távora, Da organização do espaço



1.



2.

1. Mapa da Suíça 2. Mapa do cantão Vaud, capital - Laussane

1.1. O lugar

“O local é a base da composição arquitectónica. Aprendi-o numa grande viagem que fiz em 1911, de mochila às costas, de Praga até à Ásia Menor e à Grécia. Descobri a arquitetura, instalada no seu local. Mais do que isso: a arquitetura exprimia o local”¹

O lugar é uma das circunstâncias que o projeto deve ter em conta, pois “sempre se deve explorar o carácter do sítio, a sua essência, porque o sítio está lá. Não há como jogar um edifício em algum lugar, desconsiderando a influência do que o rodeia. Sempre há uma relação.”² É uma realidade feita de sobreposições, transformações e exigências. A compreensão do sítio não é um processo linear, é bastante atribulado, pois à medida que o trabalho avança há coisas que se vão tornando óbvias e outras cada vez mais misteriosas.

Assim, para caracterizar o local dividiu-se a análise em seis partes: enquadramento territorial, acessibilidades, paisagem envolvente, pré-existências, a história e clima.

Enquadramento Territorial

O projeto para o novo campus da EHL localiza-se na Suíça, na cidade de Chalet à Gobet, junto a Lausanne.

A Suíça localiza-se no centro da Europa, com uma área territorial de aproximadamente 41.000 km². É um país com dimensões relativamente pequenas em relação aos seus países vizinhos, fazendo fronteira com cinco países: França, Alemanha, Áustria, Liechtenstein e Itália. A Suíça divide-se em três regiões geográficas: planalto central, Alpes, e as montanhas de Jura. No entanto, também é dividida por cantões, tendo atualmente, 22 cantões e quatro semicantões. Estes 26 cantões são independentes e soberanos, tendo cada um a sua constituição, regras e estatutos.

Lausanne, a quarta maior cidade do país, encontra-se na região dos Alpes, na Suíça Romanda, parte francófona da Suíça, e é a capital do cantão de Vaud. Esta região dos Alpes é caracterizada por grandes rochas escarpadas, pico nevados e pelos grandes vales, profundos e estreitos. Está situada a 62 Km a norte de Genebra, na margem do lago Léman, limitada pela cidade francesa de Évian-Les-Bains ao sul do lago, e com as montanhas Jura a noroeste. Toda a cidade se desenvolve numa escarpa a partir do lago, crescendo mais para este e oeste, do que para norte. O facto de Lausanne não se ter desenvolvido tanto para norte como para as outras direções tem a ver com o

1 Corbusier, Le; Conversas com estudantes das Escolas de Arquitetura; 2003; Lisboa; Edições Cotovia; p.47

2 I. Kahn, Louis; Conversa com estudantes; 2008; Barcelona: Editorial Gustavo Gili; p.47



3.



4.

3. Acesso a Ehl a partir de Lausanne 4. Vista da envolvente da Ehl

difícil acesso à zona alta da cidade, que fez com que se desenvolvesse pouco neste sentido.

Situada a norte de Lausanne, na periferia da cidade entre a zona urbana e zona rural, a Ecole Hôtelière de Lausanne situa-se numa zona conhecida pela sua floresta, pequenas pistas de esqui, campo de golf e ainda circuitos de ciclismo. A EHL localiza-se numa zona morfológicamente acidentada, num local isolado a 850 metros de altitude, que permite deslumbrantes vistas sobre os Alpes e o Lago Léman, possível de apreciar de múltiplos pontos de vista do terreno.

Acessibilidades

A EHL encontra-se desconectada do centro urbano da cidade de Lausanne. No entanto, o seu acesso à cidade é relativamente fácil, através de transporte público, com a linha 45, ou através de transporte particular. A estrada de Berna é o eixo histórico que liga a escola à cidade de Lausanne. Uma via importante pois é a principal entrada norte da cidade. Esta via é também um dos limites físicos da propriedade da escola.

O terreno desenvolve-se em torno de duas ruas com carácter bastante distintos – a estrada de Berna a sul com um carácter bastante urbano e a estrada de Cojonnex a norte de carácter mais rural. Estas duas estradas delimitam o terreno do campus e fazem a separação para as florestas Bois de Clos e Bois de Peccau.

Além da entrada principal existente a norte do campus, pela estrada de Cojonnex, está prevista a criação de uma nova entrada – que deverá ser contemplada no projeto – pela estrada de Berne. Esta entrada tornar-se-á o principal acesso ao futuro campus.

Atualmente, as ligações entre os diversos programas do campus são feitas através de uma galeria interior que permite o acesso aos diversos edifícios. Outra possibilidade é percorrer as zonas verdes do campus que permitem entrar diretamente em cada edifício a partir do exterior.

Paisagem Envolvente

A EHL está situada entre dois maciços florestais, numa zona alta da cidade e com um território bastante inclinado. Do lado norte tem o limite sul do maciço florestal de Bois Clos, uma grande zona florestal, onde está situado o campo de golf da cidade de Lausanne.

À frente da EHL existem pequenas casas, muito parecidas tipologicamente com o



5.



6.



7.

5. Edifício da residencia de estudantes 6. Edifício “La ferme” 7. Edifício da Escola

chalé, que fazem a transição da estrada de Cojonnex para o maciço florestal. A sul tem o limite norte do maciço florestal de Bois de Peccau, separado pela estrada de Berne. Devido à grande proximidade desta estrada ao terreno da EHL, foi plantada uma faixa de árvores de grande porte, que permite a separação do campus com a estrada. Para além de filtrarem o ruído provocado pela circulação dos automóveis na estrada, as árvores conferem a quem está no interior do campus uma sensação de bem-estar e interioridade, tornando-o num agradável espaço verde.

Pré-existências

Atualmente, o campus tem as seguintes infraestruturas: a escola, a residência de estudantes, as instalações desportivas e o chalé “La Ferme”.

O edifício da EHL absorve toda a parte administrativa e académica do campus, incluindo salas de aula, sala para o ensino especializado (gastronomia, vinho), uma biblioteca e vários restaurantes espalhados ao longo do seu espaço interior, que estão diretamente relacionados com o ensino. A sua implementação é feita junto à estrada de Cojonnex. É um edifício de grande escala, para a zona rural onde está inserido. A remodelação e ampliação deste edifício ficarão terminadas em finais de 2013, a fim de complementar as instalações académicas e administrativas da escola. O total de área estimada é 32 000 m².

A residência de estudante tem capacidade para albergar 400 alunos, com um total de 320 unidades de alojamento. A sua implementação é feita junto e ao longo da estrada de Cojonnex, a cota alta do terreno. As residências funcionam em edifícios fragmentados, unidos por uma galeria interior que permite o acesso das residências de estudantes à escola. No entanto, todos os edifícios das residências comunicam diretamente com o exterior através de portas que permitem o acesso direto às zonas verdes do campus. Cada edifício tem entre 30 a 40 habitações.

As instalações desportivas contêm um ginásio, um pavilhão desportivo coberto de pequenas dimensões e campos exteriores de ténis e de futebol. A implementação destes espaços é dispersa ao longo dos vários edifícios da residência de estudantes. Os acessos são feitos através do edifício de residência mais próximo, ou então através do exterior.

O chalé “La Ferme” é um edifício ícone do campus, atualmente utilizado como espaço recreativo e para eventos da escola. A implementação deste edifício é feita entre a atual entrada principal da EHL e a nova entrada a sul. As suas características são semelhantes aos chalés, construções tipicamente suíças. É um edifício de especial



8.

8. Vista do campus, onde mostra o clima vivido de Verão

valor sentimental já que faz parte da memória da escola. Hoje, este espaço é usado para fins recreativos e sociais da escola. No entanto, pretende-se que este ganhe uma nova função e passe a contribuir de uma forma mais ativa para a estrutura do campus.

História

A Ecole Hôtelière de Lausanne, criada em 1893, foi fundada para responder à necessidade de pessoal qualificado e profissional, colocando a ênfase não apenas no know-how técnico, mas também na cultura mais ampla do mundo da hospitalidade. A EHL surge como a primeira escola de hotelaria do mundo. No entanto, a sua localização não era onde se encontra atualmente. Inicialmente, as instalações da escola eram no Hôtel d'Angleterre, em frente ao lago Lemano, em Lausanne. Só em 1903, com a expansão da escola e o aumento do número de alunos, surgiu a necessidade de criar instalações próprias, na Avenue de Cour, Lausanne.

Em 1975, a escola muda-se para a sua atual localização, em Chalet-à-Gobet, a poucos quilómetros a norte de Lausanne. Surge então um novo campus, com instalações do mais moderno que existia na época. Instalações que possuíam edifícios de residências de estudantes para albergar os seus alunos, proporcionando-lhes melhores condições de aprendizagem.

Recentemente, em 2006, iniciou-se um processo de reformulação do edifício da escola, com o seu crescimento e o melhoramento dos espaços já existentes. Este processo terminou em 2012, com a conclusão das obras.

A ampliação do novo campus começará em 2014, com a construção de um hotel, novas residências e um centro desportivo.

Clima

O clima é um fator determinante na caracterização de um lugar, pois poderá tornar-se uma condicionante decisiva para o projeto.

“O céu domina, acima de todas as coisas, o céu de um clima. O ângulo de incidência do sol sobre o meridiano impõe ao comportamento dos homens condições fundamentais. Trópico húmido, continental tórrido, zona temperada, fria ou glacial, outras tantas faixas que impõem à vida modalidades particulares.”³

As características do clima são condicionadoras e definidoras, de culturas, hábitos

3 Corbusier, Le; Conversas com estudantes das Escolas de Arquitetura; 2003; Lisboa; Edições Cotovia; p.45



9.

9. Vista do campus, onde mostra o clima rigoroso vivido de Inverno

e formas de estar. Os hábitos das pessoas estão condicionados pelo clima, podendo-se estabelecer uma relação indissociável entre os hábitos das pessoas e as condições climáticas do território onde habitam.

A Suíça tem um clima alpino continental, caracterizado por uma grande variabilidade, com mudanças bruscas e repentinas. Os fatores que afetam o clima do país são a altitude, a disposição das montanhas e a sua distância ao mar. A presença de grandes massas de água de alguns alpes suíços ajuda a criar microclimas mais quentes no interior do país.

Na cidade de Lausanne, o período de inverno é caracterizado por frequentes nevões. Nos meses de verão, entre julho e agosto, a temperatura média em Lausanne varia entre os 18°C e os 25°C, enquanto nos meses de inverno a temperatura média varia entre os -2°C e os 7°C. Na primavera e no outono, as temperaturas médias variam entre os 8°C e os 15°C. No entanto, estas temperaturas variam consoante a altitude. A precipitação varia muito, dependendo das áreas do país. Aumenta com a altura e é maior nas encostas das montanhas expostas aos ventos.

Todos estes fatores são fundamentais na leitura do lugar e deverão ser tomados em conta no momento de projetar. No entanto, esta compreensão do lugar não chega para a elaboração de um projeto, é necessário ter todas as outras circunstâncias em consideração.



1.



2.

1. Instituição 2. Representante do atelier Richter · Dahl Rocha & Associés

1.2. O cliente

Um projeto de arquitetura, sem cliente, não existe. Torna-se imprescindível a existência de um estado, de uma instituição, empresa ou de um particular.

O cliente é uma das circunstâncias reais que um projeto tem que enfrentar, tal como é o lugar, ou o programa. Daí, a importância de haver uma boa relação entre arquiteto e cliente, de forma a beneficiar o resultado final.

O cliente neste projeto, não é uma pessoa individual mas sim uma instituição, representada pelo diretor Rémi Walbaum. Dada a escala do projeto em causa e o impacto que este vai ter na vida da EHL, o cliente, entendeu a necessidade da criação de um debate, que levantasse o número máximo de questões previamente a todos os níveis, antes de avançar para a criação do projeto. Esta posição precaveu o risco do projeto ser entregue a um atelier e este ser executado sem corresponder às expectativas do cliente. Desta forma, o processo passou pelo envio de um email a três ateliers de arquitetura de Lausanne, propondo-lhes que fizessem um proposta processual para a construção do novo campus. Foram apresentadas três propostas, sendo que a vencedora foi a do atelier Richter · Dahl Rocha & Associés.

A proposta vencedora distanciou-se das restantes pela sua ideia central: dar a possibilidade a estudantes de arquitetura de todo mundo de estudarem/pensarem qual a melhor solução/estratégia para o novo campus. O facto de serem projetos elaborados por estudantes para estudantes agradou ao cliente. Foi com base nesta ideia que surge a criação de um workshop internacional para estudantes de arquitetura que permitisse dar a oportunidade a alunos de várias escolas de todo mundo de poderem, a nível académico, fazer um projeto com circunstâncias reais. Por outro lado, criava-se um volume de propostas que inevitavelmente, pela sua variedade e quantidade, iriam levantar todas as questões fundamentais a serem trabalhadas na proposta final. Proposta que irá ser produzida no atelier Richter · Dahl Rocha & Associés. Assim, de uma forma bastante simpática, económica e pouco convencional, conseguiu-se encontrar uma estratégia em que todas as partes ficam a ganhar. Por um lado, os estudantes de arquitetura, que lhes é dada a oportunidade a nível académico de fazer um projeto em circunstâncias reais, com um lugar, um cliente e um programa. Por outro lado, o cliente, com um custo baixo, consegue ter um número razoável de propostas que lhe permite criar um debate e levantar questões que, de outra forma, seriam muito difíceis de serem discutidas.

Dadas as circunstâncias particulares deste projeto, considerou-se interessante dividir o cliente em duas identidades, de forma a entender melhor o seu contexto. Se,



3.



4.

3. Visita ao campus Ehl, acompanhada da representante dos alunos - Lausanne, Fevereiro de 2013
4. Discurso do representante da instituição, o director Rémo Walbaum - Pamplona, Março de 2013

por um lado, temos o director Rémi Walbaum, representante da instituição dona da obra, por outro temos os alunos da escola, os verdadeiros usufrutuários do projeto.


O primeiro contacto estabelecido foi com uma aluna da escola, e aconteceu na visita ao terreno em fevereiro de 2013. Em representação de todos os alunos, fez-nos uma visita guiada por todo o campus, ao mesmo tempo que ia explicando as necessidades dos alunos e o seu funcionamento. O facto de se tratar da melhor escola de gestão hoteleira do mundo confere-lhe um carácter único, longe do funcionamento de uma escola convencional. Exemplo disso é o “dress code” rigoroso exigido.

Durante a visita, a aluna referiu-se a três temas como os mais importantes para os alunos na construção do novo campus. Dois deles relacionados e provocados pelo clima e outro com o bem-estar dos alunos dentro do campus. Os dois temas relacionados com o clima são a necessidade de estabelecer uma relação abrigada entre todos os programas do campus, tornando a circulação agradável durante todos os meses do ano. O segundo tema prende-se com a não construção de rampas para resolver as diferenças de cota do terreno, já que no período de inverno estas se tornam inacessíveis por acumularem gelo. O terceiro tema está relacionado com a falta de qualidade dos atuais espaços sociais do campus.

O primeiro contato com o dono da obra aconteceu já depois da visita ao terreno, em março de 2013. Aconteceu numa sessão crítica realizada no âmbito do workshop, na Faculdade de Arquitetura de Navarra, Pamplona, que contou com a presença do diretor da Ecole Hôtelière de Lausanne, Rémi Walbaum. Ciente dos objetivos que pretende alcançar e a sua dificuldade, pediu-nos que fôssemos críticos na leitura e na interpretação das circunstâncias, pois pretendia uma abordagem inovadora para o novo campus da EHL. Houve o encorajamento para a experimentação, com vista a potenciar a qualidade espacial e social do novo campus. Durante o discurso referiu-se a três temas que considerava importantes na abordagem ao trabalho: espaços comuns; espaços verdes; e questões relacionadas com o clima.

Na forma entusiástica e motivadora com que falou, conseguiu-se perceber uma grande vontade por parte do cliente em tornar este projeto algo realmente inovador, tanto ao nível processual como projetual. E, tal como Álvaro Siza refere, “o apoio e o entusiasmo do dono de obra, condição indispensável – e raramente verificada – para construir Arquitectura.”¹

1 Siza, Álvaro; 01 textos, 2009, Civilização Editora, p.199

PROGRAMA		2013	
			
HOTEL. EHL			
QUADRO DE SUPERFÍCIES MÍNIMAS			
	uds.	Sup. Unitária m2	Sup. ÚTIL TOTAL m2
1.1 UNIDADES DE ALOJAMENTO			3 150,00
habituações suites - duplas	100	30,00	3000,00
escritorios de piso	3	20,00	60,00
quarto de limpeza	3	5,00	15,00
armazém	3	10,00	30,00
quarto sujo	3	5,00	15,00
quarto limpo	3	10,00	30,00
1.2 SALÃO SOCIAL			384,00
salão	2	120,00	240,00
vestibulo	1	100,00	100,00
quarto de banho - visitantes	1	20,00	20,00
guardarropa	1	20,00	20,00
quarto de limpeza	1	4,00	4,00
1.3 CAFETERIA			125,00
salão	1	80,00	80,00
zona serviço	1	24,00	24,00
wc	1	16,00	16,00
quarto de limpeza	1	5,00	5,00
1.4 RESTAURANTE			197,00
comedor	1	120,00	120,00
zona serviço restaurante	1	48,00	48,00
wc	1	24,00	24,00
wc - pessoal	1	5,00	5,00
1.5 ESPACOS VINCULADOS AO SERVIÇO			634,00
recepção	1	30,00	30,00
guarda-roupas	1	24,00	24,00
administração	1	16,00	16,00
sala reuniões	1	12,00	12,00
comedor do pessoal	1	18,00	18,00
cozinha	1	100,00	100,00
quarto de instalações	1	80,00	80,00
recepção de suministros	1	12,00	12,00
armazém de limpeza	1	20,00	20,00
armazém central	1	60,00	60,00
armazém de comestíveis	1	20,00	20,00
vestuário de empregadas	1	40,00	40,00
vestuário de empregados	1	40,00	40,00
vestuário de pessoal externo	1	20,00	20,00
oficina dietista	1	12,00	12,00
oficina	1	50,00	50,00
armazém de roupa lavada	1	30,00	30,00
lavandaria	1	50,00	50,00
TOTAL SUPERFÍCIE ÚTIL HOTEL			4 490,00
(*) Não inclui superficies uteis de corredores, escadas etc.			
TOTAL SUPERFÍCIE CONSTRUIDA ESTIMADA	100	40,00	5 940,00

1.

1. Quadro de áreas - programa do hotel

1.3. O programa

O programa, tal como o lugar e o cliente, é uma das circunstâncias em que todos os projectos de arquitetura se movem. Este pode ser construído a partir de muitos fatores. Pelo cliente, através de uma autoanálise das suas necessidades; pelo projetista, interpretando as necessidades do cliente; ou até mesmo por empresas de consultoria especializada. A inexistência de um programa é incompatível com o fazer arquitetura.

Neste projeto, o programa foi elaborado pelo cliente, a partir de uma autorreflexão que lhe permitiu entender as suas necessidades e que resultou na definição de cinco grupos programáticos: hotel, residência de estudantes, centro desportivo, espaços comuns e uma incubadora de empresas.

O hotel será a nova montra e símbolo de hospitalidade da escola, onde os alunos poderão exercer funções ao mais alto nível e demonstrar ao mundo da hoteleira todo o seu potencial.

A construção deste espaço está relacionada com a necessidade da escola em garantir uma melhor qualidade no seu ensino, dando a possibilidade aos alunos de poderem ter um contacto real com as dinâmicas de um hotel. O método de ensino da escola baseia-se na prática, obrigando os seus alunos, nos distintos anos, a passarem por todas as etapas e funções que um hotel necessita para estar em plenas funções.

No entanto, aquando da formulação do programa, uma das dúvidas do cliente era a viabilidade económica deste espaço. A fraca localização da escola para a implementação de um hotel, longe do centro de Lausanne, levou o cliente a pensar na dificuldade que irá ter para tornar o hotel viável economicamente durante todos os meses do ano. Deverá encontrar-se uma estratégia no projeto que responda com eficácia a esta dúvida do cliente.

Assim, o programa pedido para o hotel consiste em: unidades de alojamento com 70 a 100 quartos, cada quarto com 30m²; espaços sociais; cafetaria; um restaurante; e todos os serviços associados ao funcionamento de um hotel, como recepção, guarda-roupas, administração, zona de refeições do staff, cozinha, quarto de instalações, armazéns, vestiários, lavandaria e oficinas. A área estimada de construção ronda os 5388 m².

A Residência de Estudantes será o novo espaço para albergar os alunos da escola, com espaços cómodos e confortáveis que permitam aos alunos sentirem-se como se estivessem em suas casas.

A construção deste espaço está relacionada com o grande crescimento da escola nos

PROGRAMA			
		RESIDÊNCIA. EHL	
QUADRO DE SUPERFÍCIES MÍNIMAS		uds.	Sup. Unitaria m2
1.1 UNIDADES DE ALOJAMENTO			
habitação individual	970	20,00	
quarto de limpeza	9,7	5,00	
armazém	9,7	15,00	
1.2 ÁREAS COMUNS			
salão	9,7	50,00	
oficina	9,7	12,00	
sala de silêncio	2	20,00	
wc - visitantes	9,7	3,00	
quarto de limpeza	9,7	1,50	
1.3 CAFETERIA			
salão	1	80,00	
zona de serviço	1	24,00	
wc	1	16,00	
quarto de limpeza	1	5,00	
1.4 ESPAÇOS VINCULADOS AO SERVIÇO			
recepção	1	30,00	
guarda-roupas	1	24,00	
administração	1	16,00	
sala de reuniões	1	12,00	
quarto de instalações	1	60,00	
armazém de limpeza	1	20,00	
armazém central	1	60,00	
lavandaria	1	50,00	
TOTAL SUPERFÍCIE UTIL DORMS			
(*) Não inclui superfícies uteis de corredores, escadas etc.			
TOTAL SUPERFÍCIE CONSTRUIDA ESTIMADA		970	29,00

2.

2. Quadro de áreas - programa da residencia de estudantes

últimos anos. O número de alunos não pára de aumentar, tornando as atuais 320 unidades de alojamento escassas para dar resposta às necessidades da escola.

Com a existência, neste momento, de 320 estúdios, foi planeada a construção de mais 650 novos estúdios. No caso de se optar pela demolição dos edifícios existentes de residências, terá de se prever a construção, não de 650 novos estúdios, mas sim de 970.

Assim, o programa pedido para a residência de estudantes consiste em: unidades de alojamento com 970 quartos, cada quarto com 20m²; áreas comuns espalhadas uniformemente pelos quartos; cafetaria; e todos os serviços associados, como receção, guarda-roupa, administração, lavandaria, armazéns e quartos de instalações. A área estimada de construção é 28130 m².

O Centro Desportivo será um espaço que procura dar e potenciar o bem-estar dos alunos na escola, oferecendo-lhes a possibilidade de praticarem desporto.



A construção deste espaço está relacionada com o mau estado de conservação dos espaços existentes atualmente e a necessidade da construção de novos espaços no campus, para a prática desportiva.

Assim, o programa pedido para o centro desportivo está dividido em duas partes: a interior e a exterior. No interior, pretende-se: um pavilhão gimnodesportivo, um ginásio, uma piscina, um spa e os serviços associados a todos estes espaços, como balneários, quartos de banho, salas de reunião, armazéns e áreas técnicas. No exterior, pretende-se a construção de campos multiusos, campos de ténis, um campo de futebol e os serviços associados a estes espaços, como balneários e quartos de banho. Sugere-se também a introdução de espaços comuns no desporto, que permitam disfrutar da prática desportiva, como terraços, ou mesmo espaços de refeições orientados para os diversos campos desportivos. A área estimada de construção é 3596 m².

O espaço para a incubadora de empresas será um espaço que irá albergar todos os novos projetos empreendedores da escola.

Em 2009, a escola lançou a primeira incubadora de negócios para a indústria da hotelaria, com o objetivo de apoiar novos jovens empreendedores com projetos ligados ao sector. A construção deste espaço está relacionada com a falta de um local na escola para albergar estes novos projetos.

Assim, o programa pedido para o espaço da incubadora de empresas consiste na construção de 30 escritórios, cada um com 30 m². A área estimada de construção é

PROGRAMA			
			
DESPORTO. EHL			
QUADRO DE SUPERFÍCIES MÍNIMAS		uds.	Sup. Unitária m2 Sup.
1.1	PROGRAMA DEPORTIVO INTERIOR		
	salão de ginástica tripo (49x28m)	1	1372,00
	vestuários de 30 m2 + local de duche / wc de 15 m2	6	45,00
	vestuários do staff	2	25,00
	armazém para salão ginástica	1	150,00
	local de reuniões / treinadores	1	100,00
	wc	1	30,00
	local técnico / informático	1	30,00
	local entretenimento	1	50,00
	prática de golf (450+250m2)	0	700,00
	ginásio	1	515,00
	spa	1	50,00
	piscina (25x12,5m)	0	480,00
1.2	PROGRAMA DEPORTIVO EXTERIOR		
	vestiários e sanitários	4	35,00
	wc públicos	1	40,00
	campo de tennis	1	
	campo de voleibol	1	
	campo multidesporto	1	
1.3	ZONA COMUM INTERIOR (OPCIONAL)		
	zona de acolhimentos para 250 - 300 pessoas	1	400,00
	serviço de micro restauração	1	40,00
	armários	1	100,00
	quarto frigorífico	1	20,00
	Gestion des déchets	1	50,00
	oficina de arranjo do material	1	50,00
	wc homens/mulheres	1	40,00
1.4	ZONA COMUM EXTERIOR (OPCIONAL)		
	terraço	1	100,00
	terraço coberto	1	100,00
	espaço de cozinha exterior BBQ	1	50,00
1.5	ESPACOS VINCULADOS AO SERVIÇO		
	quarto de instalações	1	80,00
	sala de primeiros socorros	1	20,00
	armazém	1	50,00
TOTAL SUPERFÍCIE ÚTIL SPORT CENTER			
(*) Não inclui superfícies úteis de corredores, escadas etc.			
TOTAL SUPERFÍCIE CONSTRUÍDA ESTIMADA			

3.

3. Quadro de áreas - programa do centro desportivo

1080 m².

Os espaços comuns serão de interação entre os vários alunos da escola. Socializar, trabalhar ou relaxar são algumas das atividades que este espaço tem que permitir. O carácter deste espaço deverá ser pensado com um cuidado especial. É um espaço vital para o bem-estar dos alunos na EHL.

Para além destes quatro grupos programáticos, há que considerar a necessidade da construção de um parque de estacionamento interior com capacidade para 500 lugares, que sirva tanto o Hotel como as Residências de estudantes. O objetivo é permitir tanto a clientes do hotel como alunos da escola parar o automóvel num local abrigado e usufruir de um acesso direto e coberto às restantes instalações.

Por fim, para além do programa proposto, houve que considerar dois fatores: a existência de dois volumes a manter obrigatoriamente no terreno (edifício da EHL e La Ferme) e um novo acesso ao campus. Este novo acesso, já planeado pela cota baixa do terreno, permite que o novo campus tenha uma entrada a sul do terreno e uma já existente a norte.

Desta forma, depois de fazer uma análise transversal ao programa proposto, cabe-nos estudá-lo e enquadrá-lo com outras circunstâncias, pois “nunca leio um programa literalmente. O programa é algo circunstancial. Quando dinheiro você tem disponível, onde será, e o número de coisas que você necessita não têm nada a ver com a natureza mesma do problema. Examine essa natureza, e aí, sim, você se confrontará com o programa.”¹

1 I. Kahn, Louis; *Conversa com estudantes*; 2008; Barcelona: Editorial Gustavo Gili; p.45

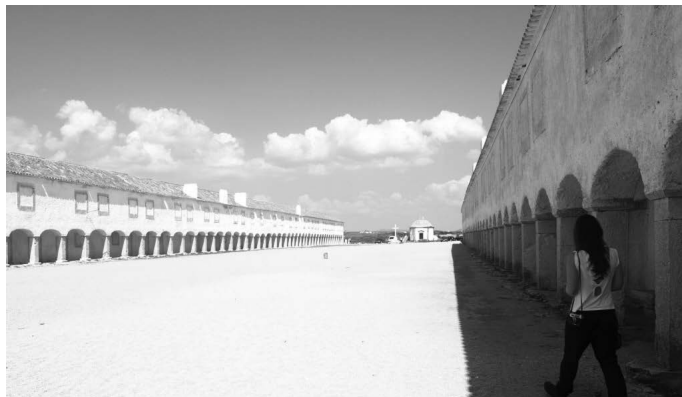
2. Interpretação das circunstâncias

“A dificuldade da posição a tomar está exatamente em saber que porção da circunstancia haverá que seguir e que porção haverá que esquecer ou mesmo contrariar”

Fernando Távora, Da organização do espaço



1.



2.

1. Vista a eixo do pátio interior - Cabo Espichel 2. Vista do interior do pátio - Cabo Espichel

2.1. Interpretação de realidades

Cabo Espichel, Sesimbra, 1701-78

“A história, que se apoia em balizas, só conservou estes testemunhos leais; as imitações, os plágios, os compromissos foram arrecadados nas traseiras, abandonados ou destruídos. O respeito pelo passado é uma atitude filial, natural em todo o criador: um filho tem, pelo seu pai, amor e respeito.”¹

O Santuário da Nossa Senhora do Cabo localiza-se no planalto do Espichel, na Serra da Arrábida, em Sesimbra, com uma escala grandiosa, de afirmação perante o lugar. Um pátio porticado em forma de U, com braços desiguais, configuram o alongado pátio, de forma retangular. Os braços que compõem as hospedarias e o contraponto entre igreja e paisagem definem um espaço de reunião, de atravessamento e transição, orientando e conduzindo quem o percorre. A chegada ao pátio é marcada por um cruzeiro que anuncia a entrada. Momento em que sentimos a passagem entre o “caos” mundano e um espaço de ordem instaurada pela arquitetura do lugar.

O espaço de reunião, descoberto, agrega em si valores intrínsecos de interioridade, proporcionados por estes elementos e pelas movimentações fluídas e variáveis de quem lá passa.

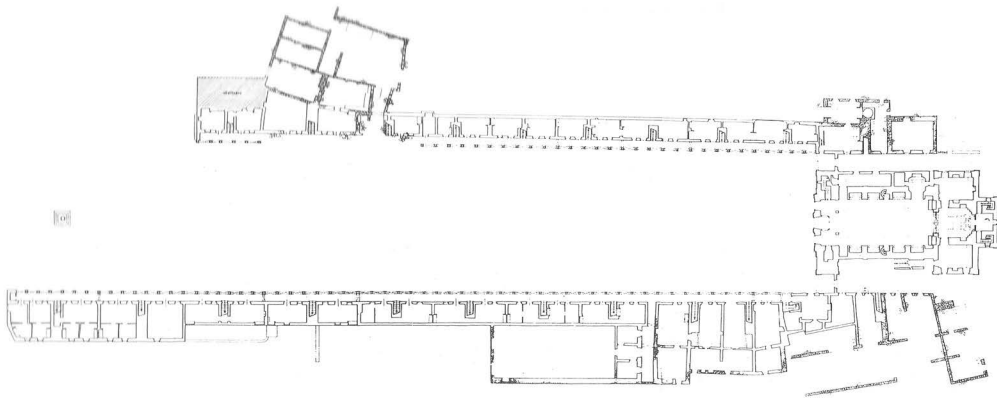
O cruzeiro, as hospedarias e a igreja definem, assim, zonas espaciais com diferentes caracteres, sugerindo usos e funções diferentes para cada espaço.

A realidade tectónica do lugar traduz a afirmação funcional do espaço e prepara a entrada nos diversos programas. A arcádia antecede a entrada das hospedarias; os degraus preparam a entrada da igreja e definem um espaço de cota mais elevada em relação ao pátio; o cruzeiro define a entrada no pátio.

Com isto, pretende-se definir uma centralidade comunitária, transformando o pátio num espaço de convergência de pessoas, reunidas em dias de festas religiosas ou meramente por visitantes ocasionais.

Lugar de chegada, permanência e transição, acaba por juntar todas as pessoas num só local, tornando este espaço de carácter social um ponto fulcral na organização e vivência do espaço.

1 Corbusier, Le; Conversas com estudantes das Escolas de Arquitetura; 2003; Lisboa; Edições Cotovia; p.62



3.



4.

3. Planta Cabo Espichel, Sesimbra 4. Vista do patio interior Escola de Educação, Setúbel

Organização programática:

Longas construções de arcadas delimitam o lado sudoeste e o lado nordeste do pátio. A oeste, encontra-se a igreja protegendo o pátio da escarpa. Duas aberturas laterais à igreja, ligam-na aos dois corpos das hospedarias, que tanto permitem a ligação entre o pátio e o extremo do promontório, como asseguram a ventilação do interior do complexo.

A organização do interior das hospedarias é relativamente simples. No piso de entrada, com aberturas para as arcadas, exercem-se predominantemente funções relacionadas com atividades sociais e lide doméstica. Surgem também escadarias comuns que servem os quartos do piso superior. A cozinha é comum a todos os peregrinos e localiza-se no lado sul do arraial, junto a igreja.

A arcada é o espaço de transição entre o espaço do pátio comum e as unidades de habitação, não estando estas em relação direta com os espaços de socialização. Para além de servir como espaço de receção, permite zonas de sombreamento em oposição ao terreiro exposto ao sol.

Escola de Educação, Setúbal, 1986-94

“A Faculdade de Arquitetura e a Escola de Educação são configurações urbanas exemplares do modo como Siza pensa arquitetonicamente em resposta a novos programas, e a localizações na periferia. Nem completamente determinado, nem determinante, cabe aos seres humanos definir o valor destes sistemas e as finalidades humanas a que possam servir.”²

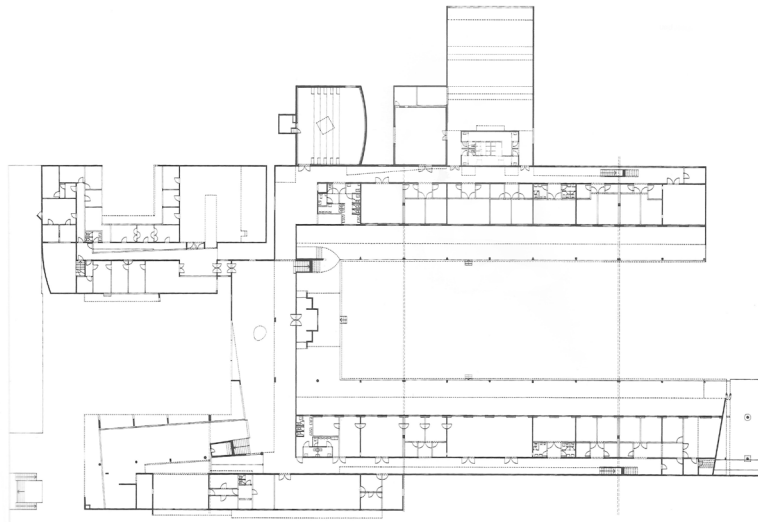
A Escola de Educação de Setúbal está localizada na periferia da cidade de Setúbal, inserida numa paisagem de colinas onduladas e árvores de cortiça. “Em sítios de periferia caracterizados não apenas pela ausência de espaço social, mas também pela erosão do espaço físico, Siza desestratifica instituições consolidadas, questionando práticas humanas e desmantelando as fronteiras entre a vida e o seu meio natural.”³ A Escola organiza-se em torno de dois pátios em forma de U, opostos e de diferentes tamanhos, configurando um H. Com os seus pátios contínuos e de estrutura ortogonal, com elementos contrapostos, é configurado um amplo espaço social da escola, na paisagem aberta.

2 Testa, Peter; Álvaro Siza; 1998; São Paulo: Martins Fontes; p. 9

3 Testa, Peter; Álvaro Siza; 1998; São Paulo: Martins Fontes; p. 8



5.



6.

5. Vista a eixo do pátio interior - Escola Educação, Setúbel 6. Planta Escola Educação, Setúbel

O pátio em U, com um grande pórtico e um grande espaço, promove o encontro e reunião em torno das salas de aula. Outro, faz a entrada e contém a biblioteca e cantina. Já o átrio, localizado entre os dois pátios, permite a distribuição para toda a escola, através de prolongados corredores internos, proporcionando possibilidades de encontro frequentes e em ambientes diferentes.

A possibilidade de isolamento de pequenos grupos em diversos espaços da escola, ou ajuntamento de toda a escola no grande pátio, torna este projeto um potenciador do convívio.

O acesso direto ao exterior da maioria dos espaços, e a possibilidade de caminhos alternativos para chegar a determinado espaço, torna este projeto ainda mais agradável de ser percorrido, dando a possibilidade aos seus utentes de o usarem de formas distintas.

Ao mesmo tempo, este projeto tem um equilíbrio momentâneo entre todos os elementos do programa, através de um sistema de circulação simples, que o torna flexível e facilmente adaptável.

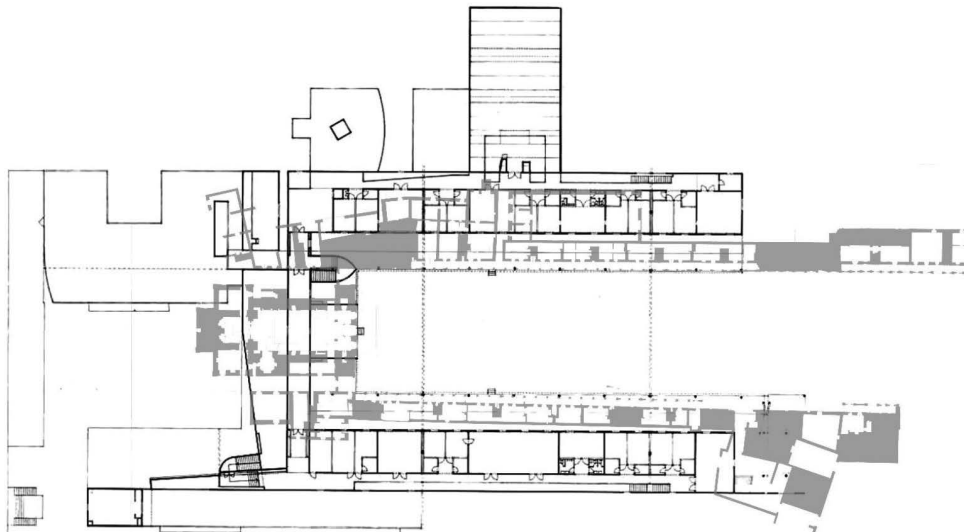
Organização programática:

“A simplicidade da organização geral – um átrio, dois corredores, quatro escadas – reforçadas ainda pela distinção volumétrica entre esses espaços servidores e os espaços servidos, existe apenas sob forma de esquema.”⁴

Duas alas de salas de aulas paralelamente alinhadas definem o pátio maior e unem-se através de um átrio público. O átrio público, para além de relacionar os dois pátios, faz a distribuição para todos os espaços da escola. O anfiteatro, a sala de música e o ginásio ficam na fachada noroeste e relacionam-se com o átrio principal através de um corredor longitudinal. A cafetaria e a biblioteca também se situam junto ao átrio, configurando o segundo pátio.

O restante programa, como a casa de hóspedes, localiza-se em volumes separados do complexo principal. As definidas formas dos pátios suportam a articulação dos diversos volumes adaptados às diferentes escalas de atividades e ajustados em relação ao conjunto como um todo. Esta estratégia cria um amplo espectro de espaços sociais, tanto a nível interior do edifício como na paisagem.

4 Siza, Álvaro; Álvaro Siza; 1998; Lisboa; Editorial Blau; p.20



7.

7. Sobreposição da planta do Cabo espichel com a planta da Escola Educação de Setúbel

Comparação

“Esta genealogia sensata de formas produz uma nova arquitetura, na medida em que o coletivo é reinventado em uma situação difusa pós-urbana, na qual não existem centros para funcionar como arenas sociais e políticas.”⁵

Afastados por mais de duzentos anos de história arquitetónica, os dois projetos são constituídos por dois corpos paralelos cuidadosamente proporcionados para conterem um espaço comunitário.

Em ambos os casos, as suas localizações são na periferia de grandes centros urbanos, havendo a necessidade de configurar um espaço social para colmatar a sua inexistência nas imediações. Este espaço de reunião é, nos dois casos, o tema do projeto. Aquele espaço que recebe o maior investimento, proporcional e rítmico.

É um espaço vazio, ao ar livre, que se assemelha a uma rua, mas também contém carácter de praça. No caso da escola de Setúbal, este espaço abre-se à paisagem aberta, dialogando cuidadosamente com o território, abraçando-o. No caso do cabo Espichel, a “praça” abre-se a quem chega de terra, configurando uma entrada. No lado oposto, fecha-se com o elemento da igreja em direção ao oceano Atlântico.

Nas alas laterais que configuram os pátios, por acessos diretos, temos de um lado salas de aula e, no outro, as hospedarias, pequenas habitações para receber os peregrinos.

Em comum, para além de uma semelhança formal, existe um espaço vazio de receção que estrutura ambos os projetos, servindo de elo de ligação entre os vários programas do conjunto. Um espaço que funciona como o coração do projeto, com uma grande carga de sociabilidade, dando forma a um desejo de vida comum, coletiva e partilhada.

Assim, conclui-se que “os arquitetos não inventam nada... trabalham continuamente com modelos que transformam em resposta aos problemas com que se encontram.”⁶ Cabe-nos estudá-los e entender o seu propósito para poder adaptar as novas circunstâncias da contemporaneidade.

5 Testa, Peter; Álvaro Siza; 1998; São Paulo: Martins Fontes; p. 9

6 Testa, Peter; Álvaro Siza; 1998; São Paulo: Martins Fontes; p.



1. Planta do terreno da EHL

2.2. Interpretação do lugar

“Começo um projeto quando visito um sítio (...). Outras vezes começo antes, a partir da ideia que tenho de um sítio (discrição, uma fotografia, alguma coisa que li, uma indiscrição).”¹

“Cada projeto começa com a leitura do lugar.”² A interpretação inicial de um lugar define-o, mas não é definitiva, pois no decorrer do trabalho a sua leitura é aprofundada e poderá sofrer naturais modificações.

No primeiro contacto com o lugar, que aconteceu através de documentação fornecida pela organização – desenhos técnicos e imagens do sítio -, surgiram as primeiras interpretações, as primeiras imagens mentais e as primeiras ideias, ainda que não fosse um contacto físico.

Um terreno em forma de “bacalhau” e com os limites muito bem definidos por duas estradas, marcado por uma grande mancha construída, o edifício da EHL, sobressai-se num manto verde de árvores entre os dois vales. Nas imediações, construções de pequena escala, separados pela estrada, difundem-se num manto de árvores. Encontra-se num lugar rural, longe dos grandes centros urbanos, marcado por uma envolvente natural.

Assim, embora a documentação fornecida pela organização nos permita ter uma ideia do lugar, é sempre um entendimento superficial. Pode até mostrar-se falaciosa, na medida em que só o contacto físico como o lugar nos permite entendê-lo realmente, como funciona e como é a sua atmosfera – ambiente, cheiros, barulhos, temperatura...

Dada a localização do projeto ser em Lausanne não foi possível visitar o terreno sempre que desejável. Assim, a única visita feita ao terreno foi realizada de uma forma atenta e cuidada. O facto de se ter feito uma análise prévia das circunstâncias tornou a visita mais entusiasmante, pelo facto de permitir a confrontação das primeiras ideias com a realidade do lugar. Pois, “Não há como jogar um edifício em algum lugar, desconsiderando a influência do que o rodeia. Sempre há uma relação.”³

Nesta visita, o trajeto tomado fez-se com saída de Lausanne pela estrada de Berne em direção a norte. Passados aproximadamente cinco quilómetros, já na periferia da cidade de Laussane e nas proximidades do terreno, fica evidente o modo, algo

1 Siza, Álvaro; 01 textos, 2009, Civilização Editora, p.27

2 Mateus, Francisco e Manuel; Aires Mateus - 2G Revista internacional de Arquitectura nº 28; 2002; Barcelona, Editorial Gustavo Gili; p.140

3 I. Kahn, Louis; Conversa com estudantes; 2008; Barcelona: Editorial Gustavo Gili; p.47



2.



4.

3. Vista da chegada ao campus EHL 4. Vista da entrada do campus EHL

disperso, como as construções vão surgindo na paisagem.

O edifício da EHL assinala a chegada ao terreno, com a sua grande escala em relação à envolvente. Este edifício adquire um certo protagonismo no local, impondo-se no território. A chegada ao campus é feita pela estrada de Cojonex, uma estrada secundária que deriva da estrada de Berne, e ambas configuram os limites do terreno.

A entrada para o campus acontece a meio do terreno, entre o edifício da EHL e as atuais residências de estudantes. Esta localização da entrada, a meio, permite uma fácil distribuição das pessoas entre a escola e o restante campus. Feita à cota mais alta do terreno, consegue ter-se a perceção de grande parte do campus, permitindo entender a morfologia e a sua envolvente. Com uma morfologia acidentada envolta por grandes espaços verdes, o terreno decresce a sul, permitindo desfrutar de relações visuais com grandes maciços florestais e sobre os Alpes e o lago Lemán. As vastas zonas verdes que rodeiam o terreno permitem uma grande sensação de horizontalidade, onde a natureza, tal como ela é, toma conta da atmosfera do lugar.

A forma do terreno, a localização das preexistências e o carácter natural do espaço, induziu desde logo a que os volumes se projetassem horizontalmente de dentro para fora do terreno, abrangendo os seus extremos. O objetivo é criar uma relação entre o natural e o construído, de forma a que um não se sobreponha ao outro, para que a força da natureza continue a ser uma característica definidora do lugar. “Desde o início que me era claro de que não era necessário fazer um corte na montanha para inserir o projeto na paisagem, mas que deveria resolver a complexidade do lugar mediante a compreensão e a interpretação do território.”⁴

Aquando da entrada no terreno à cota alta, uma das perceções que se teve no lugar foi a falta de relação entre a atual entrada e a nova entrada do campus, a sul. Embora esta ainda não estivesse completamente terminada, já se entendia a sua localização e relação com campus. Este novo ponto de acesso, que irá tornar-se no principal acesso ao campus, localiza-se no extremo oposto da atual entrada e é feito através da estrada de Berne. Entende-se que seria importante relacionar as duas entradas que se encontram frente-a-frente, mas em extremos opostos do terreno, com uma diferença de nove metros entre elas, pois seria vital para um melhor funcionamento do campus. O facto de relacionar as duas entradas, para além de facilitar as entradas e saídas do campus, vai fazer com que o terreno tenha um momento de transversalidade total. Momento importante dada a morfologia do terreno.

4 Souto de Moura, Eduardo; *Conversas com estudantes*; 2008; Barcelona: Editorial Gustavo Gili; p.21



5.



6.

5. Vista de dentro do campus para os edifícios da residência de estudantes 6. Vista da rua para as traseiras da residência de estudantes

A localização dos edifícios da residência de estudantes é feita ao longo da estrada de Cojonex, a cota alta, à esquerda da atual entrada. Volumes fragmentados, espalhados ao longo do território, formam espaços resultantes entre os edifícios, espaços verdes, desqualificados e sem qualquer utilidade. A relação entre os vários edifícios é feita através de uma galeria interior, extensa e em forma de serpentina. Um espaço estreito e comprido, em que a única função que possui é a de passagem, tornando-o um espaço frio e desinteressante.

Embora haja a possibilidade de manter os edifícios existentes, esta foi desde logo posta de parte. Perante o mau estado de conservação, a falta de qualidade espacial, os difíceis acessos e as circulações labirínticas entre os vários edifícios, entendeu-se que seria despendido demasiados recursos económicos na recuperação de edifícios que não têm valor espacial suficiente para serem mantidos. Seria manter um problema.

A localização do terreno, embora seja nas imediações do centro urbano de Lausanne, confere a sensação de estarmos num espaço rural. A sua envolvente natural, com pequenas construções dispersas entre si, e a falta de agitação social, dá a impressão de termos alcançado o “fim do mundo”. A ausência de pessoas resulta na falta de espaços sociais neste local. Por este motivo, pensou-se na eventual necessidade de criar um espaço social dentro do próprio campus. Um espaço com dimensões proporcionais à escala do campus e ao número dos seus usuários que permita e fomente o convívio. Um ponto de reunião, que seja referência para o campus e para aquele sítio.



1.

1. Representante da Instituição EHL, director Rémo Walbaum

2.3. Interpretação do cliente

“Eu não gosto muito da imagem do arquiteto que educa o cliente. (...) Porque quando projeto tento fazê-lo ao máximo nível, de modo que o resultado satisfaça, sobretudo, o meu gosto e prazer pessoal. Na realidade, ao desenhar um esquisso, sou eu quem estou a olhar para a montanha ao longe tentando incorporá-la no projeto; sou eu quem estabelece as proporções dos espaços ou as posições dos objetos; se abro uma janela na casa de banho, sou sempre eu quem se move e atua nesse cenário. (...) De forma alguma utilizaria a expressão “educar o cliente” pois parece-me presunçoso fazê-lo.”¹

O papel do arquiteto é entender o cliente, perceber o seu objetivo, o sentido e a finalidade do projeto, de forma a responder com a máxima eficácia a todas as suas necessidades. “Como profissional, você tem a obrigação de traduzir o programa do cliente em espaços para a instituição a que serve o edifício. Você diria que se trata de uma ordem espacial ou do domínio espacial de uma atividade humana, o que é a sua responsabilidade profissional. Não se pode recorrer a um programa, e simplesmente entregá-lo ao cliente como se preenchesse uma prescrição medica.”²

A interpretação do cliente é fundamental para descodificar as suas necessidades e intenções. O papel do arquiteto é libertar-se da eventual vontade formal que o cliente poderá ter e centrar-se na forma como o cliente pretende ou gostaria de habitar um determinado espaço. O cliente deve tentar transmitir ao arquiteto uma ideia de atmosfera e nunca de forma. Em nenhuma altura se pode confundir atmosfera, com forma. “Um cliente pede superfícies, o arquiteto deve dar-lhe espaços; um cliente pensa em corredores, o arquiteto encontra um motivo para oferecer galerias; um cliente dá um orçamento, o arquiteto deve pensar em termos económicos; um cliente fala de um átrio, o arquiteto dá-lhe a dignidade de um ponto de acesso.”³

Numa conversa informal com o professor e arq. Camilo Rebelo sobre a relação de arquiteto e cliente, o docente sugeriu que quando tinha que fazer um projeto, um dos passos importantes no seu processo de trabalho, e um dos primeiros, era o contacto com o cliente. Por vezes não era suficiente uma reunião de duas horas, para entender os objetivos do cliente, para que sentido e finalidade queria o projeto, prejudican-

1 Souto de Moura, Eduardo; Conversas com estudantes; 2008; Barcelona: Editorial Gustavo Gili; p.62

2 I. Kahn, Louis; Conversa com estudantes; 2008; Barcelona: Editorial Gustavo Gili; p.35

3 Norberg-Schulz, Christian; Louis I. Khan: Idea e imagem; 1981; Roma; Xarait Ediciones; p.78 – tradução livre



2.



3.

2. Actuais espaços comuns da residência de estudantes 3. Espaços verdes do campus

do o produto final. Assim, em algumas circunstâncias e quando se proporcionava, procurava passar uns dias com o cliente para entrar nas suas rotinas, na sua forma de estar, entender realmente como vive e o que pretende. Para que, no momento de projetar, conseguisse pensar os espaços e as atmosferas como sendo o próprio cliente. “Imagino-me a viver como o meu cliente; mudo de identidade e transformo-me, por exemplo, num médico com a mulher e três filhos.”⁴

Desta forma, a interpretação feita não é sobre o indivíduo ou a instituição, mas sim relativamente aos temas que foram levantados no discurso feito pelo director Rémi Walbaum. Mais concretamente, em relação aos três temas referidos: a qualidade dos espaços comuns, dos espaços verdes e o cuidado a ter em relação ao clima.

Os espaços comuns deverão ser locais onde os alunos possam interagir – trabalhar, socializar e relaxar –, são espaços vitais para a dinâmica da escola.

A localização do campus, na periferia da cidade de Lausanne, onde a existência de espaços sociais é escassa, força os alunos da escola a formarem uma comunidade muito unida. Uma força que a escola faz questão de preservar. Para isso é necessário criar, dentro do campus, espaços de qualidade que fomentem e alimentem o convívio entre os vários alunos da escola. Pela ênfase que estes espaços tiveram no discurso do cliente, e dada a fraca qualidade dos atuais espaços, entende-se que estes foram um dos motivos para a decisão de construção de um novo campus. A elevada exigência a nível académico e o stress a que os alunos estão expostos frequentemente, leva-se a considerar os espaços comuns fundamentais para o equilíbrio e bem-estar dos seus alunos. Desta forma, considera-se que o projeto deverá ter em atenção este fator, pois poderá ser uma das chaves para o sucesso do futuro campus da EHL.

Os espaços verdes são fundamentais para a harmonia do novo campus. Dada a sua dimensão, entende-se que a colocação dos espaços verdes deverá ser feita de forma a tornar a experiência de percorrer o novo campus algo que ficará gravado na memória dos seus alunos. Por outro lado, o elevado custo do metro quadrado do terreno na Suíça não permite que o cliente compre, no futuro, mais propriedade. Logo, a racionalização na ocupação do terreno é um dos aspetos a ter em conta, pois no futuro, caso haja necessidade de aumentar ainda mais as instalações, é preciso haver terreno disponível. Desta forma, entende-se que a gestão entre o terreno construído e os espaços verdes tem que ser muito bem feita para tornar o projeto sustentável. O clima extremo que se vive no local condiciona a forma de viver e altera-a, conso-

4 Souto de Moura, Eduardo; *Conversas com estudantes*; 2008; Barcelona: Editorial Gustavo Gili; p.62



4.

4. Corredor actual de acesso da escola a residência de estudantes

ante a época do ano. É essencial que o projeto tenha em atenção todas estas questões, de forma a poder ser flexível e adaptável a diferentes condições climatéricas. A orientação solar é de extrema importância, pois determinados espaços dependem disso para a sua qualidade espacial. Grande parte dos meses do ano, no período de Inverno, às quatro da tarde já é noite na Suíça, Assim, uma boa orientação solar para determinados programas é fundamental.

As baixas temperaturas que se fazem sentir no campus nos meses de inverno é outro fator condicionador, e que o projeto deverá responder. É importante dar a possibilidade aos alunos de se deslocarem dentro do campus sempre abrigados entre os diversos edifícios, particularmente as ligações entre a escola e a residência de estudantes, de forma a tornar as circulações mais agradáveis e práticas. Em nove meses do ano faz frio, neva e há vento, tornando as circulações exteriores complicadas e desagradáveis.

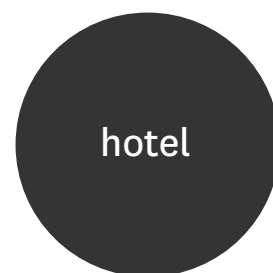
“Todos esses requisitos e considerações são o programa. (Se você quiser chama-lo assim.) Mas “programa” é uma palavra insuficiente. Tudo isso é, sim, a compreensão do caráter de um reino composto por espaços onde é bom fazer uma certa coisa.”⁵

A capacidade que o arquiteto tem em interpretar as vontades e necessidades do cliente e transformá-las em um espaço qualificado que corresponda ao ideal imaginado do cliente pode levar a que, “uma vez que o projeto está acabado, muitos clientes pensam que foram eles os artífices do resultado. Em algumas ocasiões cheguei a ouvir: ”O Eduardo simplesmente ajudou-me!”. Há situações limite nas quais o arquiteto decide abandonar o projeto imposto pelo cliente.”⁶

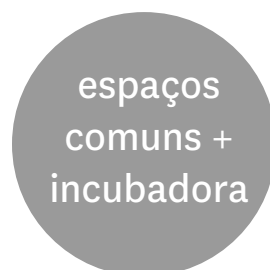
5 I. Kahn, Louis; Conversa com estudantes; 2008; Barcelona: Editorial Gustavo Gili; p.31

6 Souto de Moura, Eduardo; Conversas com estudantes; 2008; Barcelona: Editorial Gustavo Gili; p.62

aprender/trabalho



lazer/estar



1.

2.4. Interpretação do programa

“A experiência de que se dispõe relativamente a este tipo de escola mostra a necessidade de uma aproximação ao programa que, sendo rigorosa, permita uma grande flexibilidade no uso e articulação dos espaços.”¹

O programa em si é algo abstrato. Só quando confrontado com todas as circunstâncias e após a sua interpretação sofre alterações. No entanto, o programa proposto é a base para começar a projetar, mas tendo sempre a consciência de que não é uma coisa encerrada. Ao longo do processo de trabalho o programa sofre modificações, de forma a corresponder às necessidades que vão surgindo no projeto com o decorrer do trabalho. O aparecimento de novos espaços no programa proposto faz parte de um processo natural, em virtude do surgimento de novas necessidades. À medida vai sendo aprofundado, dá-se conta que determinados espaços podem deixar de fazer sentido e, por outro lado, pode haver necessidade de introduzir novos espaços. Assim, e como Kahn sugere, é fundamental a interpretação do programa, para posteriormente o rescrever, pois “invariavelmente surgirão mais espaços, porque todo o programa escrito por um não-arquiteto está condenado a ser a cópia de uma outra escola, ou de algum outro edifício.”²

Uma das premissas que desde o início acompanhou o desenvolvimento do trabalho é a necessidade de uma clareza programática, dada a sua diversidade. Considera-se necessário criar uma lógica no campus que permita que todos estes programas coexistam juntos e funcionem como um todo.

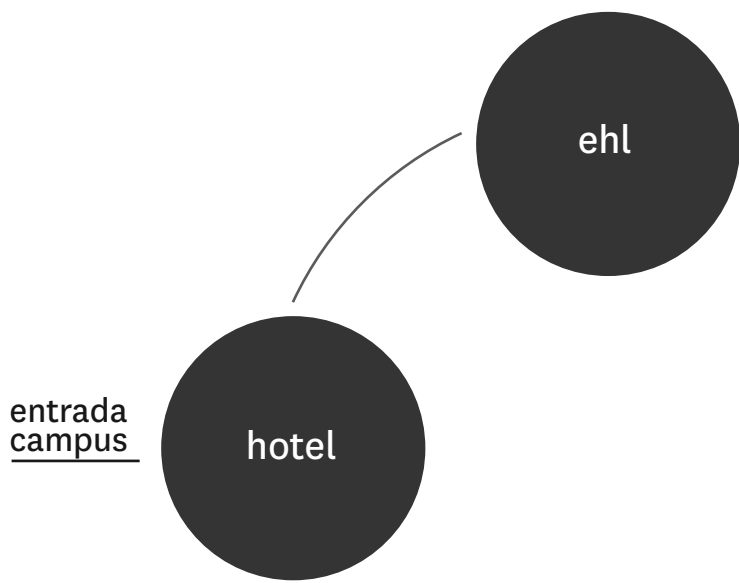
Desta forma, considerou-se que existem duas realidades programáticas. Por um lado, os programas que estão relacionados com o lazer/estar/descanso, nomeadamente a residência de estudantes, o centro desportivo e espaços comuns. Por outro lado, os programas mais ligados ao trabalho/aprendizagem, nomeadamente a escola e o hotel.

Assim, a quando da colocação dos programas no terreno, deverá estabelecer-se esta relação de forma a tornar claro o próprio funcionamento do campus.

Começou-se, então, por procurar perceber cada programa em relação às restantes circunstâncias reais: quais as suas características próprias; que tipo de relações deverão ter os programas ter entre eles, em função das suas exigências individuais e globais; e as necessidades de cada um em relação à sua implantação. Todas estas

1 Siza, Álvaro; Álvaro Siza; 1998; Lisboa; Editorial Blau; p.28

2 I. Kahn, Louis; Conversa com estudantes; 2008; Barcelona: Editorial Gustavo Gili; p.45



2.

questões é que vão permitir, a posteriori, criar regras próprias do projeto. Desta forma, vai ser feita a interpretação do programa que virá a justificar algumas decisões tomadas em relação à forma como o programa foi disposto ou organizado.

Hotel

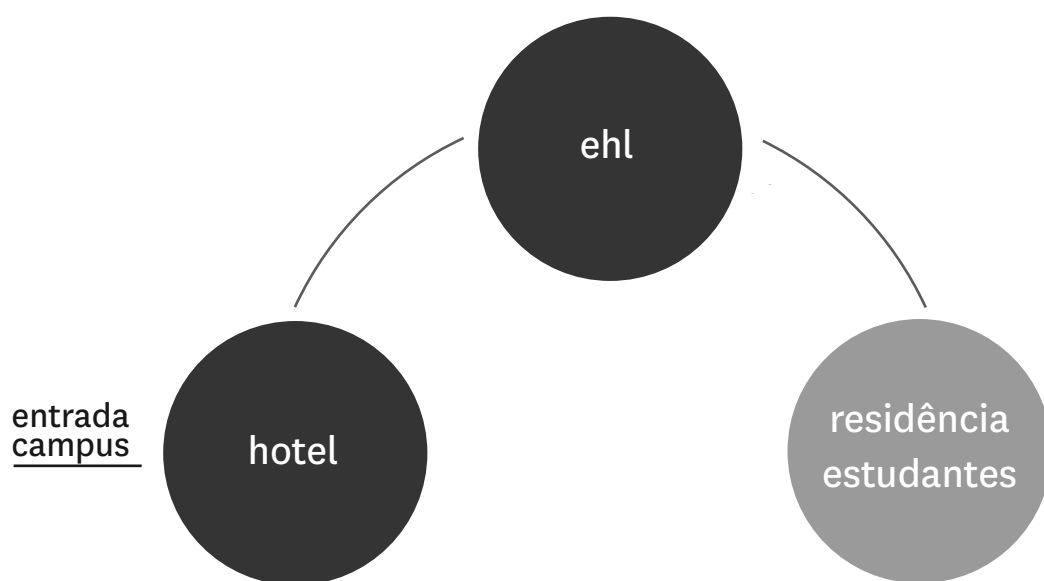
O programa do Hotel é tipologicamente repetitivo/modular. É normalmente composto por três zonas distintas: zonas de serviço, zonas sociais e zonas privadas (quartos). O facto de uma parte significativa da área de um hotel ser para quartos, o que lhe confere um carácter repetitivo, impõe a necessidade de um sistema de distribuição simples que facilite as circulações e os seus acessos. As zonas de serviços deverão funcionar independentemente dos restantes espaços, com acessos autónomos, e de forma a que o seu uso nunca implique o cruzamento com os restantes espaços. Por outro lado, uma grande percentagem dos espaços de um hotel necessita de luz natural. “Um espaço nunca assumirá o seu lugar na arquitetura sem ter luz natural. A luz artificial é a luz da noite, expressa em lâmpadas colocadas em pontos fixos e não se pode comparar com o jogo imprevisível da luz natural.”³

Independentemente da forma e implantação, é necessária uma proporção de superfície de contacto com o exterior que garanta luz direta em todas as zonas privadas e sociais. Dada a localização desfavorável do campus, considera-se necessária criação de um conceito forte para o hotel, de modo a atrair clientes não pela qualidade da sua forma ou localização, mas sim pela qualidade do espaço e do serviço prestado. Assim, a implantação terá que ser estrategicamente pensada dentro do campus, ao nível funcional, ao nível de imagem e ainda na relação com a paisagem.

A nível funcional, a implantação deverá ter em conta dois fatores: o primeiro, está relacionado com o facto deste espaço prestar serviços para fora do campus, logo a sua localização deverá acontecer junto a uma das entradas, de forma a permitir a entrada e saída dos seus clientes sem interferir com o funcionamento do restante campus. O segundo, está relacionado com o facto de este espaço vir a funcionar como a extensão do espaço educativo da escola, logo a sua localização deverá ser junto à escola, permitindo uma conexão entre a escola e o hotel.

A relação com a paisagem é um ponto fundamental na conceção deste programa, pois a única vantagem na localização de um hotel nesta zona está relacionada com a sua envolvente. Situado entre dois maciços florestais, a uma cota elevada, permite

3 Norberg-Schulz, Christian; Louis I. Khan: *Idea e imagem*; 1981; Roma; Xarait Ediciones; p.78 – tradução livre



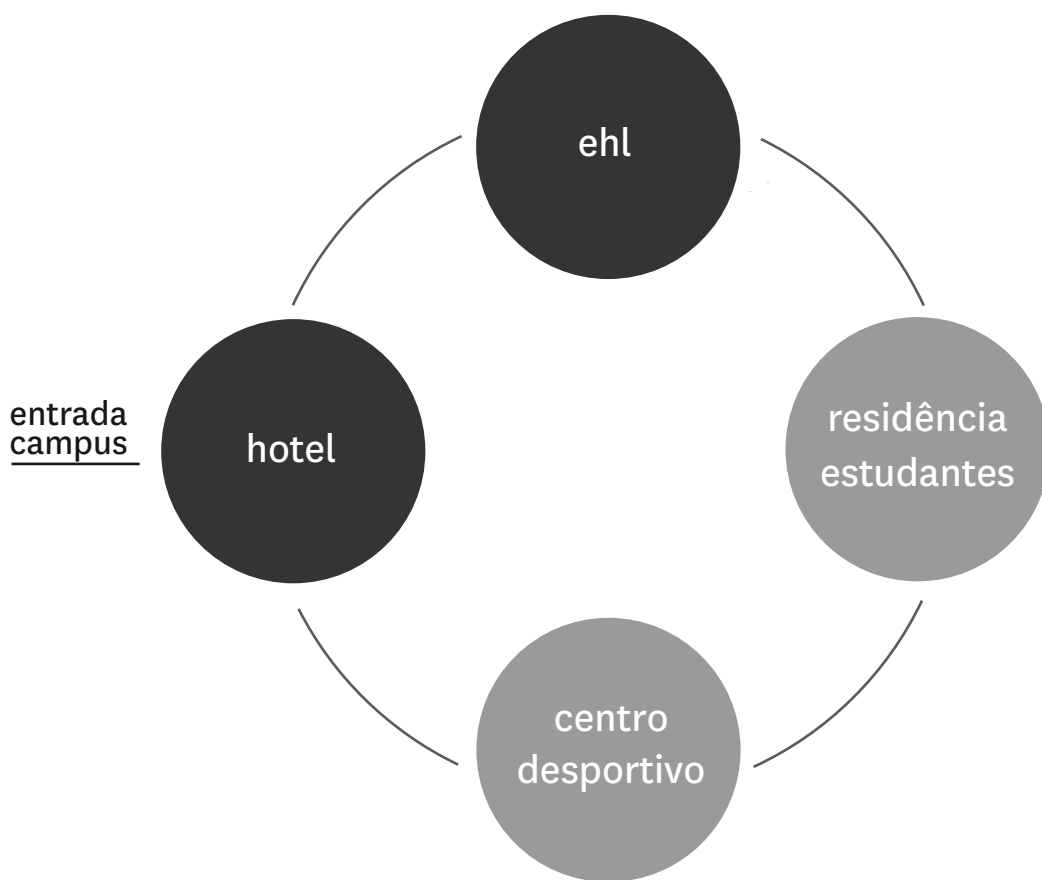
3.

deslumbrantes vistas sul, sobre os Alpes e o lago Léman. A localização do hotel no terreno deverá ter proveito e usufruir desta relação visual.

A nível de imagem, deverá haver uma preocupação na colocação do hotel numa zona privilegiada do terreno, de forma dar-lhe protagonismo. Símbolo de hospitalidade da escola e uma montra para seus alunos, o Hotel deverá assumir uma localização de destaque, em primeiro plano em relação à chegada do campus.

Residência de Estudantes

O programa da residência de estudantes é tipologicamente semelhante ao Hotel, repetitivo/modular. Está dividido em duas partes: zonas privadas e zonas comuns. Tal como acontece num Hotel, parte significativa da sua área é dedicada aos quartos, impondo desde logo um carácter repetitivo. O facto de se estar a falar de uma residência de estudantes com 970 quartos entende-se que o seu sistema de distribuição deverá ser o mais simples e funcional, tornando-se mesmo intuitivo. A sua forma e implantação deverá ter em conta a necessidade de garantir na maioria dos espaços luz natural. A qualidade espacial do(s) módulo(s) e dos espaços comuns, assim como a sua articulação, é de extrema importância neste programa. Da mesma forma que numa casa temos zonas privadas e zonas comuns, e a ambas chamamos casa, numa residência de estudantes as zonas privadas são os quartos e as zonas sociais são os espaços comuns. A boa qualidade espacial de ambos os espaços e uma boa relação entre eles é fundamental para que os alunos se possam sentir em casa. A sua implantação deverá ser pensada em função da concentração/fragmentação, ao nível funcional e em relação à envolvente. Concentração/fragmentação da residência de estudantes foi um tema pertinente desde o início do desenvolvimento do trabalho, dada a dimensão do programa, a sua complexidade e acrescido do facto de já existirem 320 unidades de alojamento separadas em sete edifícios, unidos por uma galeria interior. Assim, desde o início levantaram-se duas estratégias possíveis: a primeira, seria manter os edifícios existentes, recuperá-los e construir as restantes 650 unidades, continuando a mesma lógica de fragmentação, ou concentrando-as na construção de um único edifício; a segunda, romper com os existentes, demolindo-os, libertando o terreno para a construção de um novo edifício, numa estratégia de concentração, ou novos edifícios numa estratégia de fragmentação. Dado o estado de conservação dos edifícios existentes e a falta de qualidade espacial, os difíceis acessos e as circulações labirínticas entre os vários edifícios, fez com que a primeira opção fosse desde logo abandonada.



4.

Assim opção de demolir os edifícios existentes e construir uma residência de estudantes completamente nova, com forte identidade e integrada no restante desenho do novo campus é uma premissa. O clima extremo vivido no lugar obriga a ter em conta a necessidade dos alunos se deslocarem desde a escola até à sua unidade de alojamento sem sair para o exterior. Esta condição numa estratégia de edifícios fragmentada, torna o sistema de circulação muito complexo, pois obriga a estabelecer um contacto interior entre todos os volumes e, conseqüentemente, com a escola. Por outro lado, a opção de fragmentar a residência de estudantes iria entrar em conflito com o desejo de construir um novo campus com uma grande clareza formal e programática, onde cada volume sugira um uso e uma função diferente. Assim, entendeu-se que uma estratégia compacta, que facilite e simplifique o sistema de circulação, resulta melhor em oposição a um sistema semelhante ao já existente, que já deu provas de não funcionar na sua plenitude.

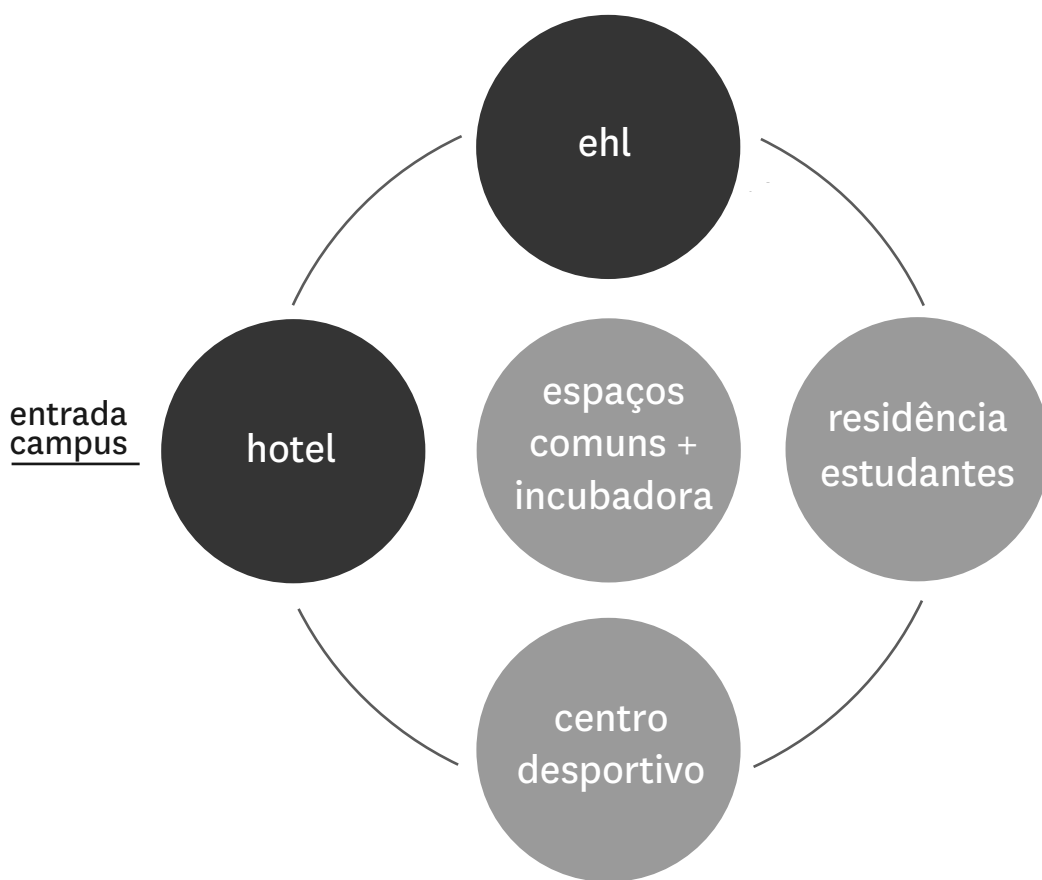
A nível funcional, a implantação deverá ter em conta a necessidade da residência de estudantes se relacionar tanto com o centro de desporto como com a escola, permitindo que os alunos consigam se movimentar de uns programas para os outros de um forma fácil e confortável. Deverá ser encontrada uma estratégia de implantação que permita ambas as relações.

A relação com a envolvente, tal como acontece com o hotel, deverá ter uma localização pensada em função das relações visuais que se possam criar com o entorno, de forma a garantir vistas agradáveis a partir das habitações.

Centro desportivo

O programa do centro desportivo é constituído por espaços amplos. Está dividido em duas zonas: interiores e exteriores. Os programas de apoio, em ambas as zonas, são os balneários, quartos de banho e arrumos. É necessário encontrar um sistema de circulação simples e funcional que relacione estes programas comuns com as zonas interiores e exteriores, de forma a não haver necessidade de os multiplicar. Os espaços comuns deste programa entende-se que deverão ser versáteis, possibilitando variados usos. No entanto, deverão permitir estar dentro do espaço e usufruir de relação visual com a parte desportiva.

A sua implantação deverá ser pensada numa zona que permita uma relação com os restantes programas, pois será um espaço usado por toda as pessoas do campus. Dada a dimensão do programa e o facto de não necessitar de muita luz natural, entende-se que a implantação destes espaços deve acontecer de uma forma discreta



5.

no terreno, de forma a se integrar nele, minimizando o seu impacto na leitura do território.

Incubadora

Um espaço para a incubadora de empresas deverá ser um espaço flexível e adaptável. Um espaço semelhante a pequenos escritórios que tenha a possibilidade de se transformar consoante as necessidades. Deverá ter quartos de banho e zonas de estar comuns a todos os espaços de trabalho. Estes espaços deverão usufruir de luz natural de forma a criarem um ambiente agradável de trabalho.

A sua implantação deverá ser pensada numa zona comum do campus, com acesso independente dos restantes programas, dando a possibilidade de receber pessoas de fora sem interferir no seu normal funcionamento. Deverá situar-se num local que lhe dê o devido destaque, pois vai ser o espaço de incubação para novas empresas da escola.

Espaços comuns

“Penso que muito do que se recebe numa escola não tem a ver com as aulas, tem a ver com o convívio, com o estabelecimento de relações, com a abertura ao diálogo e a vontade de conhecer outras ideias, outras pessoas”⁴. Assim, “A forma como eu concebo uma escola é fundamentalmente um ponto de reunião, de troca de informação entre gerações, o que implica esta ideia de globalidade”⁵. Deste modo, e dadas as dimensões do novo campus, pensa-se que a introdução do programa dos espaços comuns se deveria refletir na construção de um único grande espaço de reunião. Um espaço proporcional à escala do novo campus, com suficiente dimensão para que todos os alunos se possam juntar, em oposição à fragmentação em pequenos espaços. A capacidade do ser humano em criar pequenas esferas sociais espontaneamente não é a mesma que para criar grandes esferas sociais. A criação de uma grande esfera sociais implica mecanismos de auxílio, como por exemplo um espaço proporcional às necessidades. Assim, considerou-se que a construção de um grande espaço comum é mais favorável, em detrimento de pequenos espaços, pois possibilita a reunião e a sociabilização de todos os usuários do campus em simultâneo. Pois, tal como Siza sugere, quanto à necessidade de pequenos espaços, “Há-de haver sempre um canto para alguém ou um grupo que se queira isolar”⁶.

4 Siza, Álvaro, Entrevista a revista Escola Nova; 1992; Setúbal; Escola Superior de Educação

5 Siza, Álvaro, Entrevista a revista Escola Nova; 1992; Setúbal; Escola Superior de Educação

6 Siza, Álvaro, Entrevista a revista Escola Nova; 1992; Setúbal; Escola Superior de Educação

3. Projectar

“(...) se não encontro argumentos para explicar o projeto, é natural que o reveja, pois lhe falta alguma coisa importante.”

Oscar Niemeyer, Como se faz Arquitectura



1.

1. Pátio da Reitoria da Universidade de Alicante

3.1. Reescrever o programa

“A primeira coisa a fazer é rescrever o programa. E ele deve ser acompanhado de algo que o interprete. O programa, sozinho, não significa nada, porque é com espaços que se está lidando. Então, ele deve se fazer acompanhar de esboços que expressem a sua ideia sobre qual é a natureza daquilo.”¹

Só após a análise de todas as circunstâncias e respetivas interpretações é que estamos preparados para reescrever o programa e adaptá-lo à sua realidade.

Assim, tal como Álvaro Siza se refere em relação à Escola de Educação de Setúbal, numa escola “é necessário que uma pessoa se reconheça num espaço comunitário, e aqui preocupei-me com isso; não é só o problema do pátio, mas também do átrio”². O estudo de ambas as referências e o entendimento do seu funcionamento permitiu perceber a necessidade de introduzir no programa dois espaços: um pátio e um átrio. A introdução destes espaços no programa é feita através dos espaços comuns, um programa que não tem os seus espaços discriminados, nem limite de áreas. De qualquer forma, “A Arquitetura de Conexão não pode aparecer nas áreas do programa: é o que o arquiteto oferece aos clientes na procura de um equilíbrio e de diretrizes arquitetónicas.”³

Pátio

A localização do campus na periferia da cidade, onde a existência de espaços sociais é escassa, juntamente com a necessidade de criar um espaço de reunião, levou à ideia de criação de um pátio. Um espaço de interioridade no exterior. O pátio surge assim como uma resposta às necessidades de contacto e vida social dos usuários dos campus. A escolha de um pátio deve-se ao seu carácter versátil, pois pode ser um momento de chegada, um espaço de receção, um ponto de ligação entre partes, um espaço de distribuição, ou mesmo um elemento de separação funcional.

Mas é também um espaço de convívio ou de reunião, ponto de encontro, ou meramente de passagem. “Assim é o pátio. O pátio é um lugar de encontro tão mental, quanto físico. Mesmo que o atravesse na chuva, você estabelecerá com ele uma associação mais intensa do que a real.”⁴

1 I. Kahn, Louis; Conversa com estudantes; 2008; Barcelona: Editorial Gustavo Gili; p.45

2 Siza, Álvaro; Entrevista a revista Escola Nova; Setúbal; Escola Superior de Educação; 1992

3 Norberg-Schulz, Christian; Louis I. Khan: Idea e iamgen; 1981; Roma; Xarait Ediciones; p.78 – tradução livre

4 I. Kahn, Louis; Conversa com estudantes; 2008; Barcelona: Editorial Gustavo Gili; p.62



2.

2. Átrio da Escola de Educação, Setúbel

Átrio

A necessidade de estabelecer uma relação entre os diversos programas e de “um sistema distributivo muito simples e uma estrutura modulada que facilite a eventual alteração de desenvolvimento de certas zonas, ou criação de outras”⁵, levou à introdução de um novo espaço no programa, o átrio. Um espaço que deverá relacionar as duas entradas do campus, e permitir a circulação abrigada entre os vários programas.

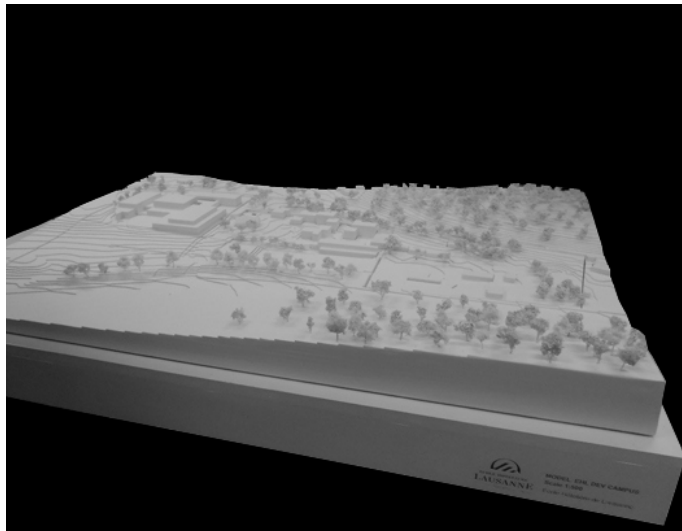
Assim, o espaço do átrio deverá ser pensado como um grande espaço de distribuição do campus. Embora possa e deva também servir para a criação de espaços de estar e de convívio, a sua principal função é permitir uma circulação confortável entre todos os programas do campus. Pois, “a qualidade da circulação interior será a virtude biológica da obra, organização do corpo edificado ligada, na verdade, à razão de ser do edifício. A boa arquitetura “caminha-se” e “percorre-se” por dentro e por fora. É arquitetura viva.”⁶

Conclui-se que “É a sua expressão pessoal que deve ser colocada. Não se trata apenas de tecnologia. É no ato de reescrever o programa que se pode detetar a arquitetura, não na mera manipulação de espaços. Na mera manipulação de espaços, não há nada que pertença ao arquiteto, ainda que ele possa contribuir para essas realizações, como um sujeito que define as mais refinadas especificações. Mas isso não o torna um bom arquiteto. Isso o torna um bom profissional, mas não um bom arquiteto, está claro?”⁷

5 Siza, Álvaro; Álvaro Siza; 1998; Lisboa; Editorial Blau; p.28

6 Corbusier, Le; Conversas com estudantes das Escolas de Arquitetura; 2003; Lisboa; Edições Cotovia; p.53

7 I. Kahn, Louis; Conversa com estudantes; 2008; Barcelona: Editorial Gustavo Gili; p.59



1.

1. Maqueta 1/500 - Campus Development Forum

3.2. As fases

“Uma ideia, antes de ser comparada com a realidade do programa, não constitui uma solução: está ligada a uma conceção formal, pertence ao pensamento, é uma experiência e não é quantificável.”¹

O rastilho para o desenvolvimento do projeto foi a intenção de encontrar uma estratégia global, que junte diferentes espaços de diferentes escalas, dando-lhes um único sentido. Assim, como Álvaro Siza se refere em relação à Faculdade de Comunicação de Setúbal, “Há intenção de haver uma hierarquia de espaços diferentes, de dimensões diferente e de características diferentes, a par de uma grande variedade para que exista essa ideia de globalidade, mas não seja uma imposição”².

Desta forma, procurou-se uma estratégia que resolvesse todas as exigências individuais de cada programa e, ao mesmo tempo, criar uma clareza formal e programática que relacione as diferentes escalas e diversidade programática. Uma única ideia, uma única dinâmica, uma só linguagem, integrados no território.

Foi com este intuito que ao longo de seis meses de trabalho se desenvolveu o projeto.

Tendo em conta a complexidade do projeto, foi necessário um trabalho constante de aproximação ao programa nas diversas escalas. Assim, começou-se a trabalhar a escala 1/2000 na interpretação do território, tendo chegado até à escala 1/20 com a definição de um corte tipo para a fachada. Durante todo este processo de avanço e recuo de escala, foi frequente o uso de duas escalas de trabalho em simultâneo, de forma a conseguir desenvolver individualmente cada programa e, ao mesmo tempo, enquadrá-los no contexto global do campus.

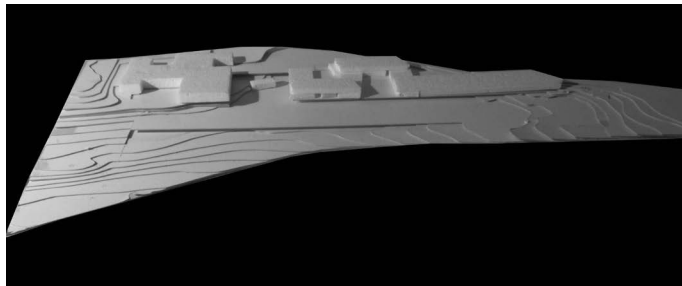
Durante todo o desenvolvimento do projeto foi uma constante a utilização de maquetas como ferramenta de trabalho. “Para mim, as maquetes sempre têm sido um método de trabalho idóneo para comprovar os pontos críticos de uma ideia, para controlar o projeto desde o princípio. Começa-se com os esboços, tiram-se fotografias e passa-se aos desenhos.

Desenha-se a planta para ver se o programa está correto e acaba-se com as perspetivas que recriam a atmosfera volumétrica do projeto.”³

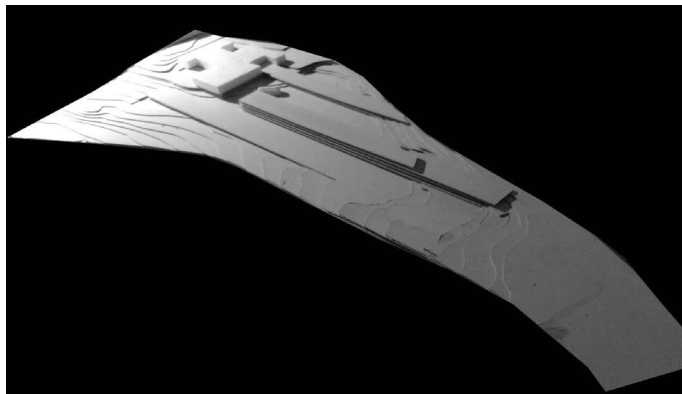
1 Norberg-Schulz, Christian; Louis I. Khan: *Idea e imagem*; 1981; Roma; Xarait Ediciones; p.120 – tradução livre

2 Siza, Álvaro; Entrevista a revista *Escola Nova*; 1992; Setúbal; Escola Superior de Educação

3 Souto de Moura, Eduardo; *Conversas com estudantes*; 2008; Barcelona: Editorial Gustavo Gili; p.61



2.



3.

2./3. Maqueta de processo 1º fase

Um hotel, uma residência de estudantes, um pavilhão desportivo, incubadora e espaços comuns. Como dispô-los no terreno? Como articulá-los com os edifícios já existente?

A leitura das circunstâncias do projeto, juntamente com a interpretação pessoal das mesmas, permite-nos estabelecer regras para a sua organização.

Os momentos escolhidos para caracterização do processo de trabalho, e para a sua separação por fases, estão relacionados com os três momentos de entregas que ocorreram ao longo do processo.

“Projetar: há um princípio quase em nebulosa, raramente arbitrário. Perpassa a história toda, local e estranha, e a geografia, histórias de pessoas e experiências sucessivas, as coisas novas entrevistas, música, literatura, os êxitos e os fracassos, impressões, cheiros e ruídos, encontros ocasionais. Uma película em velocidade acelerada suspensa aqui e ali, em nítidos quadrinhos. Uma grande viagem em espiral sem princípio nem fim, na qual se entra quase ao acaso. Comboio assaltado em movimento. É preciso parar e ser oportuno na paragem.

Agora entra a razão, com os seus limites e a sua eficácia. Talvez retomar a viagem?”⁴

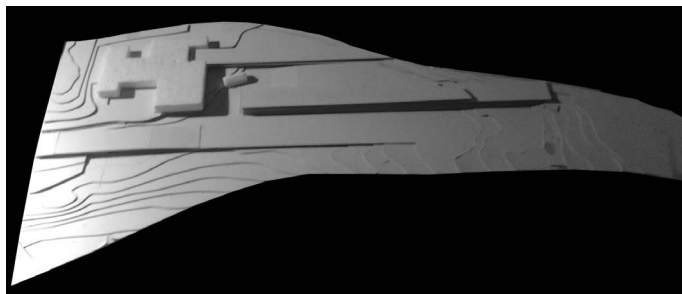
1º fase

Nesta primeira fase de trabalho a escala usada predominantemente foi a escala 1/1000.

Os primeiros desenhos e maquetas traduzem a procura de uma grande horizontalidade. Um gesto formal que permite unir os dois extremos do terreno e criar um diálogo com os edifícios preexistentes. A direção utilizada para os volumes é definida pela forma do terreno. Pois é a forma o elemento que permitir coser todas as circunstâncias. No entanto, a “liberdade de escolha de formas, ainda que satisfazendo a determinada circunstancia, é consciência da importância do espaço organizado, devem estar na base da atividade do organizador do espaço.”⁵

4 Siza, Álvaro; 01 textos; 2009; Civilização Editora; p.317

5 Távora, Fernando; Da organização do espaço; 1962; Porto: Faup Publicações; p.24



4.



5.

4. Maqueta de processo 1º fase 5. Esquema programático 1º fase

A implantação do hotel, aquando dos primeiros esboços e dos primeiros testes volumétricos com maquetas, teve sempre em conta três circunstâncias: a necessidade de estar junto a uma das entradas do campus, estar junto à escola e estar num local do terreno que permita usufruir de uma boa relação visual com a envolvente. Assim, considerou-se que a sua implantação em frente à escola seria o sítio mais indicado. Para além de ser o local privilegiado do terreno que permite usufruir de relação visual sobre os Alpes e o lago Lemman, a sua localização permite uma relação com a escola e um acesso direto a partir da entrada sul do campus.

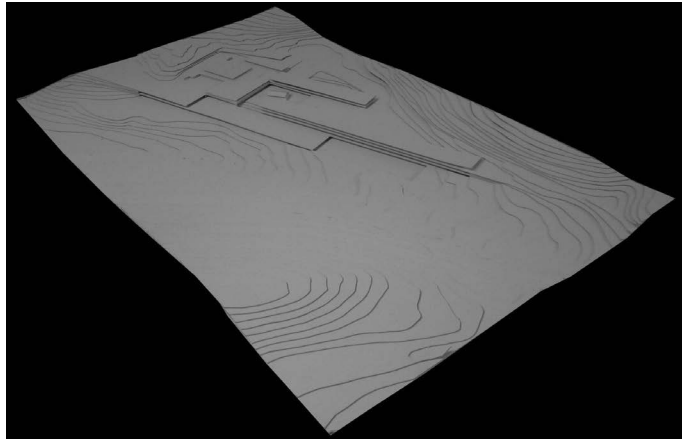
Tal como se pode reparar nas fotografias da maqueta, a sua implantação foi feita de uma forma integrada no território, de forma cuidada, nunca ultrapassando a altura permitida, pois não poderia interferir com a esplanada do edifício da EHL. Uma massa construída projetada a partir do terreno define o desenho do hotel.

A implantação do hotel neste local pareceu desde logo pertinente dadas as suas circunstâncias e acabou mesmo por ser o único programa que no fim do processo de trabalho não sofreu alteração posicional.

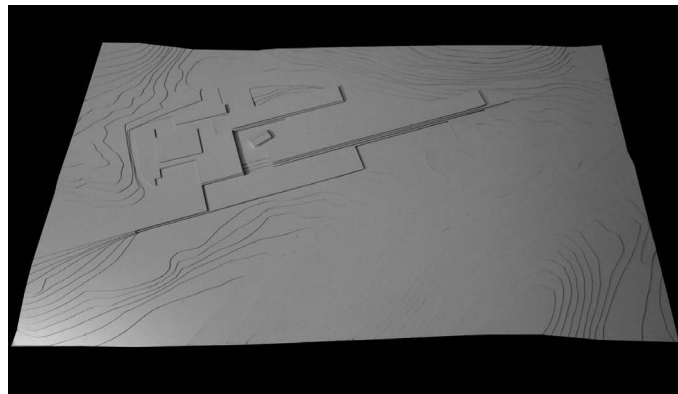
A residência de estudantes, dada a sua dimensão, foi colocada na única zona do terreno com área suficiente para a sua implantação. Ou seja, no local onde se encontram as atuais residências de estudantes, à direita do edifício da escola. Nesta primeira fase de trabalho, este programa é definido por dois volumes horizontais que se projetam em direção ao centro do terreno. O seu afastamento configura um pátio, espaço central que estabelece uma relação mental entre os dois volumes da residência de estudantes. A sua relação física é feita através de um terceiro volume transversal, que permite a comunicação interior. É um espaço virado para o pátio, que para além de servir de ponte entre os dois volumes da residência de estudantes, alberga o programa da incubadora.

A relação interior das residências de estudantes com a escola é feita através de um dos seus volumes, que ao interceder o volume da escola permite a sua comunicação interior.

O centro desportivo, nesta primeira abordagem, foi colocado no alinhamento formal do hotel. O motivo da sua colocação neste sítio está relacionado com a ideia de este espaço poder vir a servir tanto o hotel como a residência de estudantes. A sua relação próxima com ambos os programas permite um fácil acesso dos seus usuários. O facto do carácter do seu espaço ser mais interior e não necessitar de tanta luz



6.



7.

6./7. Maquetas finais 1º fase - Pamplona

natural permitiu a sua colocação neste local.

Assim, e tal como se pode verificar pelas fotografias da maquete, o volume do centro desportivo projeta-se contra ao terreno até se difundir nele.

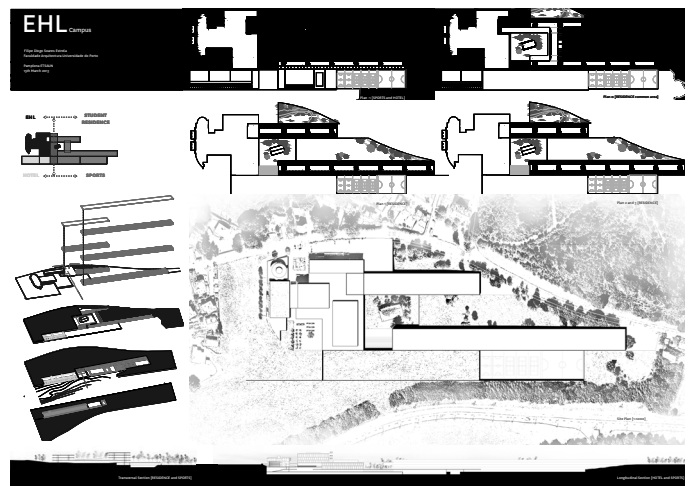
O átrio, juntamente com o pátio, são espaços propostos. Espaços que juntos dão forma ao programa dos espaços comuns. Nesta primeira fase, o espaço do átrio não passava de pouco mais de uma intenção. Procurava unir as duas entradas e permitir a transversalidade do terreno. Embora o espaço estivesse presente, tanto na entrada norte, como na sul, ainda não existia a ideia de um espaço contínuo. A sua existência em ambas as entradas permitia o acesso ao pátio central e, conseqüentemente, a comunicação entre as duas entradas. No entanto, a sua localização já tinha como intenção, para além de permitir a circulação entre os dois pontos de entrada, criar um eixo de circulação que separasse claramente as zonas trabalho/aprendizagem e as zonas de lazer/estar/descanso.

Assim, nesta fase de desenvolvimento do trabalho, este espaço, embora já existisse a sua intenção, ainda se revela prematuro. É um programa que ao longo de todo o processo de desenvolvimento do trabalho não sofre alteração na sua localização mas, no entanto, ao nível funcional e formal, vai-se adaptando às circunstâncias que vão surgindo.

O pátio foi sempre pensado como o espaço de convívio e reunião do campus. Nesta primeira fase, é um espaço definido pelos volumes da residência de estudantes. Dada a sua localização central no campus, este espaço tem como princípio organizar e fomentar a atividade social do mesmo. Uma ideia que persistiu ao longo do desenvolvimento do trabalho mas que, no entanto, vai sofrer alterações em relação aos elementos que o compõem.

Esta primeira fase de trabalho culminou com uma sessão crítica na Faculdade de Arquitetura de Navarra, em Pamplona, em meados de março 2013. Acompanhados pelos arquitetos Nuno Brandão, Camilo Rebelo e o presidente arq. Carlos Guimarães, esta viagem tornou-se muito proveitosa. Para além da crítica feita em Pamplona aos trabalhos, que permitiu uma reflexão individual, surgiu a oportunidade de visitar algumas obras de referência durante a viagem.

A sessão crítica em Pamplona obrigou à formalização de uma entrega. A preocupação em formalizar todas as ideias, procurando responder a todas as circunstâncias, levou à colocação de elementos para resolver problemas cirúrgicos sem ter



8.



9.

8. Cartaz de entrega, sessão critica Pamplona 9. Sessão critica Pamplona

em conta o todo. A normal falta de maturação da disposição de cada programa no terreno e as suas relações tornaram o projeto confuso. Embora a maquete expresse uma ideia clara de horizontalidade e de uma procura de uma ideia global para o campus, a colocação de cada programa e o seu funcionamento ainda não era clara. Após visualizar maquetas feitas anteriormente, verificou-se que algumas apresentavam resultados mais satisfatórios do que a atual. Nas anteriores, a solução formal da proposta era mais clara e mais de acordo com o pretendido. Assim, houve mesmo a necessidade de voltar atrás.

Esta entrega e a viagem a Pamplona é considerado um momento importante de reflexão individual. Para além da entrega, que obrigou a pôr todos os dados em cima de mesa e a sintetiza-los para a sua formalização, criou a oportunidade de entrar em contacto com outros trabalhos. Foi um momento importante para a continuação do desenvolvimento do trabalho.

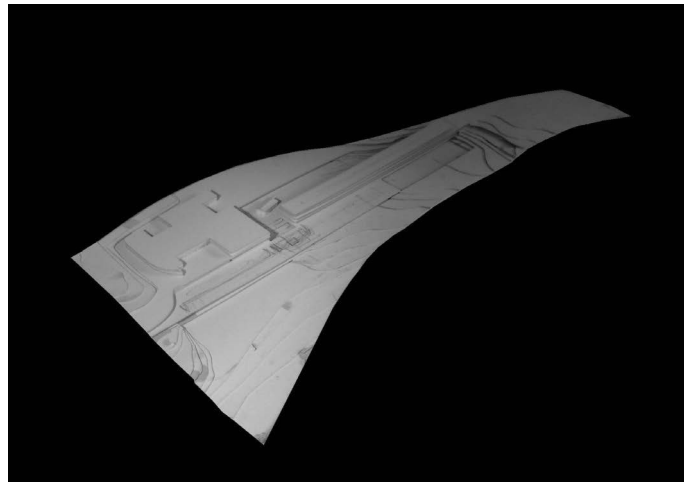
2º fase

A segunda fase de trabalho teve início após este período de reflexão, continuando-se a trabalhar com o objetivo de clarificar e simplificar o projeto.

Embora se tenha continuado a trabalhar à escala 1/1000, é nesta segunda fase que surge a necessidade de aumentar de escala e passar para a escala 1/500.

Considera-se que nesta fase houve dois momentos importantes na definição do trabalho. O primeiro é marcado pelo entendimento de que o esquema organizativo utilizado para a residência de estudantes era demasiado complexo. O facto deste programa estar a ser fragmentado em dois volumes, e o seu acesso à escola estar dependente de um dos volumes, estava a obrigar a um esforço em termos de organização dos pisos térreos e a um desperdício enorme de área em circulação. Por outro lado, o espaço de comunicação entre os dois volumes, que deveria servir como um momento de paragem e de encontro dos estudantes, com vista para o pátio e para o programa da incubadora, estava a funcionar quase exclusivamente como conexão dos dois volumes.

Conclui-se então que a fragmentação da residência de estudantes, mesmo que fosse em apenas dois volumes, iria tornar mais complexas as suas circulações e não trazia vantagens nenhuma relativamente à concentração num único volume. Assim, e dada a diferença de comprimento dos dois volumes, entendeu-se que caso se retirasse o volume mais pequeno em comprimento, que contempla apenas dois pisos, e se acrescentasse um piso ao volume maior, conseguia-se atingir o mesmo número de



10.



11.

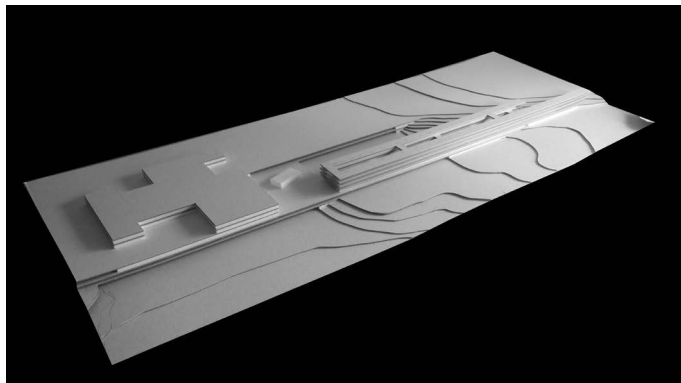
habitações. Assim, a organização da própria residência de estudantes e do próprio campus tornar-se-ia mais simples. Por outro lado, ao nível económico, é muito mais barato prolongar a estrutura de um edifício e acrescentar um piso do que construir fundações para um novo. Esta alteração da estrutura organizativa e formal da residência de estudantes obrigou a repensar a organização global do campus.

Assim, embora o projeto não tenha sido muito alterado em termos formais, sofreu alterações ao nível da organização do programa. O programa da incubadora ganhou um protagonismo que até então não tinha, ocupando a posição do antigo elemento da residência de estudantes.

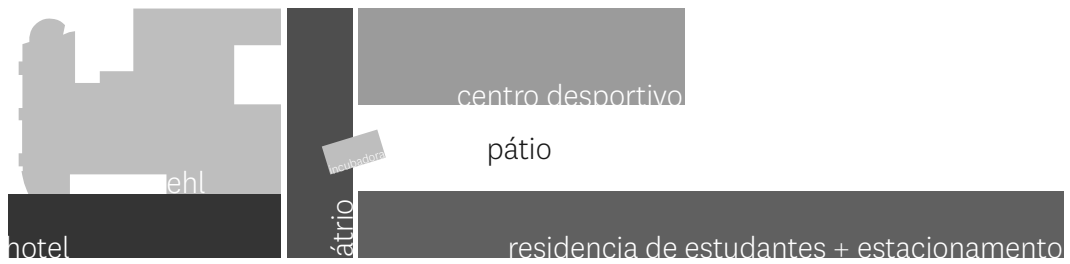
O segundo momento entende-se como o passo mais importante do desenvolvimento do trabalho, onde aconteceu o maior salto qualitativo.

A dificuldade em relacionar ao nível funcional e programático o centro desportivo com a residência de estudantes e o hotel levou a considerar a sua localização noutra sítio. Se numa fase inicial a ideia de colocar o centro desportivo entre o hotel e a residência de estudantes parecia uma boa opção, quando se começou a desenvolver cada programa individualmente rapidamente se entendeu que, dadas as necessidades tão distintas dos programas, a sua proximidade era incompatível. Uma questão tão simples como o barulho gerado por um centro desportivo poderia colocar em causa o bom funcionamento, tanto do hotel, como da residência de estudantes. Por outro lado, entendeu-se que um programa com o carácter do centro desportivo não deveria assumir um lugar de primeira linha em relação à entrada principal do campus, dada a sua função. Assim, a sua colocação foi feita no local da incubadora. Tornou-se assim o centro desportivo um dos elementos compositores do pátio.

O programa da incubadora foi, desde o início do processo de trabalho, um programa no qual houve dificuldades em perceber o seu enquadramento na estrutura global do campus, a sua escala e o seu valor real. A única convicção que se tinha em relação a este programa era a necessidade de estar numa zona comum do campus. Tal como já foi referido anteriormente, numa primeira fase do trabalho chegou mesmo a considerar-se a colocação deste espaço agregado à zona comum da residência de estudantes. Assim, após algumas implantações deste programa em vários locais do terreno, concluiu-se que o chalé seria o espaço ideal para albergar este programa. Dada a sua dimensão, localização e a necessidade de inclusão de um programa que dê sentido e dignidade a esta estrutura, considerou-se que o programa da incubadora seria o ideal para dar continuidade ao simbolismo desta estrutura.



12.



13.

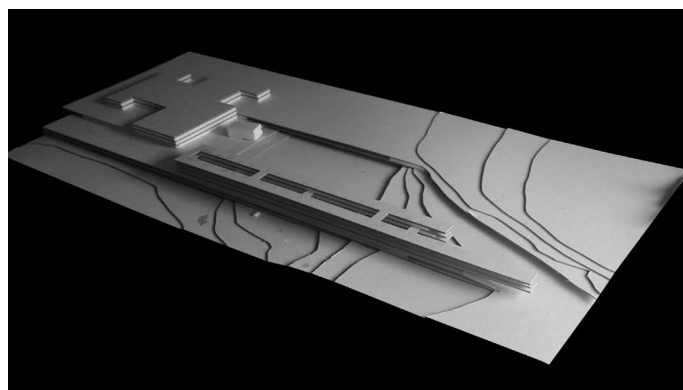
12. Maqueta de processo 2º fase 13. Esquema programático 2º fase - segundo momento

Desta forma, a divisão esquemática inicial ganha intensidade e densidade. As localizações e dimensões de cada programa aproximam-se cada vez mais ao seu uso. Depois de se mover o centro desportivo para trás da residência, perde-se a continuidade formal que este espaço, juntamente com o hotel, permitia.

Esta alteração levou ao entendimento da existência de um desencontro formal no alinhamento da residência de estudantes com o hotel. Motivo que levou a pôr em causa as implantações de ambos os programas. Com uma grande proximidade tipológica, estrutural e programática, entendeu-se que estes dois programas deveriam fazer parte do mesmo alinhamento formal. Recuou-se o hotel, para o alinhamento da residência de estudantes, ficando este debaixo do atual edifício da escola.

Esta decisão está igualmente relacionada com a preocupação de dar resposta a todas as circunstâncias que envolvem este projeto. Para o cliente, a construção do hotel é algo que lhe suscita algumas dúvidas, já que a sua viabilidade económica não está assegurada, devido à sua localização. Esta, não garante ao cliente que um hotel, neste local, vá conseguir atrair pessoas suficientes para o tornar viável economicamente. No entanto, é um programa fundamental para o melhoramento do ensino da escola. Assim, dada a sua proximidade programática dos dois programas, e a inquietude do cliente em relação à viabilidade económica do hotel, pareceu interessante criar uma relação entre os dois programas, que permita ao cliente, caso o hotel se comprove inviável economicamente, poder tornar este espaço numa extensão da residência de estudantes. Por exemplo, durante o período em que decorrem aulas na escola, que coincide com a época baixa para o turismo, o hotel poder funcionar como a extensão da residência de estudantes, acolhendo mais alunos. Ou seja, permitindo que a escola, em vez de acolher 970 alunos, passe a acolher 1070. No período de verão, que coincide com a época alta e o período de férias dos alunos, poder funcionar como um hotel. Garantindo, assim, a viabilidade daquele espaço durante todo os meses do ano. Este alinhamento formal dos programas permite que estes funcionem separadamente, ou como um só espaço.

Esta fase terminou, no dia 10 de maio de 2013, numa sessão crítica com professores do 4º ano. Tivemos o prazer de contar com a presença, para além do orientador Nuno Brandão, do presidente e arq. Carlos Guimarães, arq. José Gigante, arq. Paulo Providência, arq. Francisco Vieira de Campos e a arq.ta Graça Correia. Foi feita uma apresentação individual de cada trabalho, seguido das respetivas críticas. Os elementos de apresentação foram uma maqueta a escala 1/500 e os respetivos dese-



14.



15.

Centro Desportivo

O Centro Desportivo é um espaço amplo, com entrada através do átrio e a possibilidade de entradas fluídas a partir do pátio para os espaços comuns. É um espaço que vive de uma grande transparência com o pátio.

Implantação

Localizado na cota alta do terreno, entre a estrada de Cojonex e o pátio principal do campus, o centro desportivo é parte do “U” que desenha o pátio. Colocado estrategicamente numa zona de fácil acesso a partir de qualquer programa, permite a qualquer usuário usufruir deste espaço.

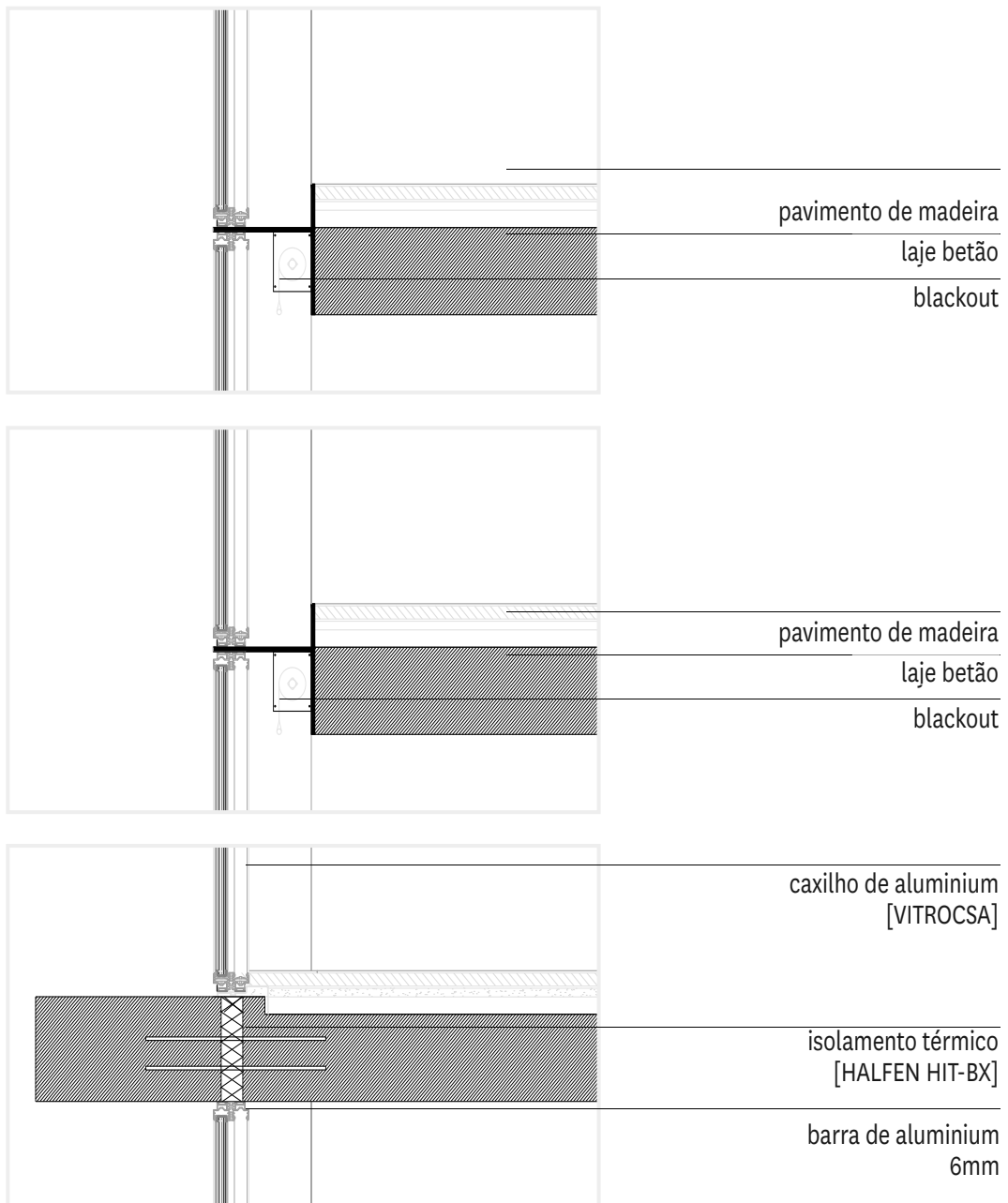
Construído integrado no terreno, este espaço vive de uma frente de luz virada para o pátio. O centro desportivo é constituído por três pisos e tem uma área de implantação de 4.090 m². Com uma dimensão de 150 x 50 metros, é constituído por um grande espaço interior dividido em três partes: piscina, ginásio e multiusos. Na cobertura dos espaços interiores encontra-se o programa exterior.

Funcionamento

A entrada para o centro desportivo é feita a partir do átrio do campus, ou através do pátio, diretamente para as zonas comuns. No piso de entrada estão colocadas as zonas comuns, debruçadas em mezzanine sobre os espaços interiores do piso inferior e que permitem o contacto visual com as diferentes atividades desportivas. A utilização do vidro, dos dois lados, neste espaço, garante a transparência entre o pátio do campus e o interior do centro desportivo, permitindo a entrada de luz natural e a sensação de este espaço ser o prolongamento do pátio. Desenhado por duas galerias, permite circular nos diferentes espaços comuns e aceder aos diferentes acessos verticais.

Através dos acessos verticais acede-se ao piso -1, uma grande galeria que permite a distribuição aos diferentes balneários e zonas técnicas. Todos estes espaços, dada a sua transversalidade, permitem entrar por uma galeria e sair por outra, no lado oposto, dando acesso a uma outra galeria que distribui para aos diferentes espaços desportivos, gimnodesportivo, piscina e ginásio.

Ao piso 1 chega-se através dos acessos verticais no qual estão dispostas todas as atividades desportivas exteriores.



Materialidade

A materialidade do projeto, dada a procura da transparência e transversalidade é feita com recurso a planos de vidro em quase todos os elementos verticais. Os planos horizontais são feitos com recurso a uma laje de betão. Esta oposição entre a opacidade dos planos horizontais e a transparência dos planos verticais é que permite a sensação de transparência e transversalidade.

O pormenor construtivo é feito com o objetivo de separar a base do projeto, onde se encontram os espaços comuns, da caixa de vidro pousada em cima, onde se encontram as habitações da residência de estudantes. A forma encontrada para salientar a base foi através do prolongamento da laje de betão até à fachada. Nos pisos das habitações da residência de estudantes, na procura de dar a sensação de leveza e de ser uma caixa de vidro pousada na base, a laje de betão é recuada e o acabamento da fachada é feito através de planos de vidro.

Fecho



1.



2.

1. Alunos Campus Development Forum 1. Comitativa Portuguesa Campus Development Forum

Fecho.

Todo este processo culminou com a selecção do presente trabalho para o Campus Development Fórum, que decorreu entre os dias 29 de junho ate dia 6 de julho de 2013. Um fórum que seleccionou 20 de um total de 385 trabalhos efetuados em universidades de todo mundo que permitiu a realização de uma exposição e a apresentação formal dos projectos perante os responsáveis e uma plateia de convidados. O objectivo deste fórum foi a criação de um debate que levantasse o maior número de questões possíveis, para aquando da realização do projecto final no atelier Richter · Dahl Rocha & Associés architectes SA, este possa ter em conta um alargado leque de problemáticas, entretanto levantadas, com o objectivo de enriquecer o projecto final.

A iniciativa Campus Development Fórum teve a duração de um semana e foi composta de inúmeras actividades. Depois da integração entre os vários elementos da comitiva, e que acabou por ser enriquecedor no estabelecimento de contactos entre as várias pessoas de todo o mundo, seguiram-se algumas viagens culturais. No dia 1 de julho realizou-se um viagem arquitectónica a Basel, seguido de uma visita ao Museu Vitra e à Fundação Beyeler. No dia seguinte deram-se início os trabalhos propriamente ditos, a manhã a ser preenchida com a abertura do fórum e uma conferência de imprensa. À tarde, começaram as apresentações que se prolongaram até dia 5 de Julho. O encerramento oficializou-se num jantar de gala, no próprio restaurante da escola.

Esta iniciativa, e a oportunidade de estar presente, foi fundamental para o desenvolvimento desta dissertação. A possibilidade de ter estado presente nos debates e nas várias apresentações dos trabalhos permitiram-me um reflexão mais aprofundada acerca de todas as problemáticas que envolvem este projecto. Este facto, no momento de escrever esta dissertação, revelou-se fundamentais.

Bibliografia

Livros e escritos

AAVV, 2007, El Croquis 68/69 + 95 Álvaro Siza 1958 2000, Madrid, El Croquis Editorial

AAVV, 2000, El Croquis 77 I +99 Kazuyo Sejima + Ryue Nishizawa, Madrid, El Croquis Editorial

AAVV, 1995, Álvaro Siza, Lisboa, Editorial Blau.

AAVV, 1997, Álvaro Siza 1954 - 1976, Lisboa, Editorial Blau.

AAVV, 1993, Fernando Távora, Lisboa, Editorial Blau.

AAVV, 1996, Mendes da Rocha, Lisboa, Editorial Blau.

AAVV, 1996, Eduardo Souto Moura, Lisboa, Editorial Blau.

BAEZA, Alberto campo - A ideia construída, 2004, Casal de Cambra, , Caleidoscópio

CORBUSIER, Le - Conversas com estudantes das Escolas de Arquitetura, 2003, Lisboa, Edições Cotovia

CORBUSIER, Le - Por uma Arquitectura, 1998, São Paulo, Editora Perspectiva

CORBUSIER, Le - A viagem do Oriente, 2007, São Paulo, Cosac Naify

I. KAHN, Louis - Conversa com estudantes, 2008, Barcelona, Editorial Gustavo Gili

MATEUS, Francisco e Manuel; Aires Mateus - 2G Revista internacional de Arquitectura nº 28; 2002; Barcelona, Editorial Gustavo Gili

NIEMEYER, Oscar - Como se faz Arquitectura, 1986, Petrópolis, Vozes

NIEMEYER, Oscar - Conversa de arquitecto, 2001, Rio de Janeiro, Editora Revan

NORBERG-SCHULZ, Christian - Louis I. Khan: Idea e iamen, 1981, Roma, Xarait Ediciones

SIZA, Álvaro - Álvaro Siza, Obras e Projectos, 1996, Milão, Electa

SIZA, Álvaro - Imaginar a Evidência, 2000, Lisboa, Edições 70

SIZA, Álvaro - 01 textos, 2009, Civilização Editora

SOLÁ-MORALES, Ignasi (2003) Diferencias: Topografía de la Arquitectura Contemporánea. Gustavo Gili, Barcelona.

SOLÁ-MORALES, Ignasi (2003) Intervenciones. Gustavo Gili, Barcelona.

SOUTO DE MOURA, Eduardo - Pavilhão multiusos, Viana do Castelo: a arte da construção, 2005, Porto, Civilização

SOUTO DE MOURA, Eduardo - Conversas com estudantes, 2008, Barcelona, Editorial Gustavo Gili

TÁVORA, Fernando - Da organização do espaço, 1999, Porto, FAUP Publicações

TESTA, Peter - Álvaro Siza, 1998, São Paulo, Martins Fontes

ZUMTHOR, Peter - Atmosferas, 2006, Barcelona, Editorial Gustavo Gili

ZUMTHOR, Peter - Pensar a arquitectura, 1998, Baden, Lars Müller publishers

VENTURI, Robert - Complexidade e Contradição em Arquitectura, 1995, São Paulo, Martins Fontes

Entrevistas

SIZA, Álvaro, Entrevista a revista Escola Nova; 1992; Setúbal; Escola Superior de Educação

Internet

ALLEN; Stan; 53 Questions for Stan Allen; 2011: <http://www.anycorp.com/anycorp/article/77>

Credito de imagens

Circunstâncias - Lugar

Fig.1. - http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Karte_Gemeinde_Bussigny-pr%C3%A8s-Lausanne_2007.png

Fig.2. - http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Karte_Gemeinde_Bussigny-pr%C3%A8s-Lausanne_2007.png

Fig.3. - googleearth

Fig.4. 5. 6. 7. 8. 9. - Fotografias fornecidas pela organização do workshop

Circunstâncias - Cliente

Fig.1. - <http://www.universityfairs.com/directory/ecole-hoteliere-de-lausanne-ehl-732>

Fig.2. 3. 4. - Fotografias do autor

Circunstâncias - Programa

Fig.1. 2. 3. - Elementos fornecidos pela organização do workshop

Interpretação de circunstâncias - Interpretação de realidades

Fig.1. 2. - Fotografias do autor

Fig.3. - AAVV, 1995, Álvaro Siza, Lisboa, Editorial Blau, pag.23

Fig.4. 5. - <http://ultimasreportagens.com/siza.php>

Fig.6. - AVVV, 2000, El Croquis 77 I +99 Kazuyo Sejima + Ryue Nishizawa, Madrid, El Croquis Editorial, pag.152

Interpretação de circunstâncias - Interpretação do lugar

Fig.1. - Elemento fornecido pela organização do workshop

Fig.2. 3. 4. 5. 6. - Fotografias do autor

Interpretação de circunstâncias - Interpretação do cliente

Fig.1. - Fotografia fornecida pela organização do workshop

Fig.2. - Fotografia do autor

Fig.3. - Fotografia fornecida pela organização do workshop

Fig.4. - Fotografia do autor

Interpretação de circunstâncias - Interpretação do programa

Fig.1. 2. 3. 4. 5. - Esquemas realizados pelo autor

Projectar - reescrever o programa

Fig.1. 2. - <http://ultimasreportagens.com/siza.php>

Projectar - Fases

Fig.1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. - Fotografias e esquemas realizados pelo autor

Projectar - Projecto

Desenhos realizados pelo autor

Fecho

Fig.1. 2. - Fotografias do autor